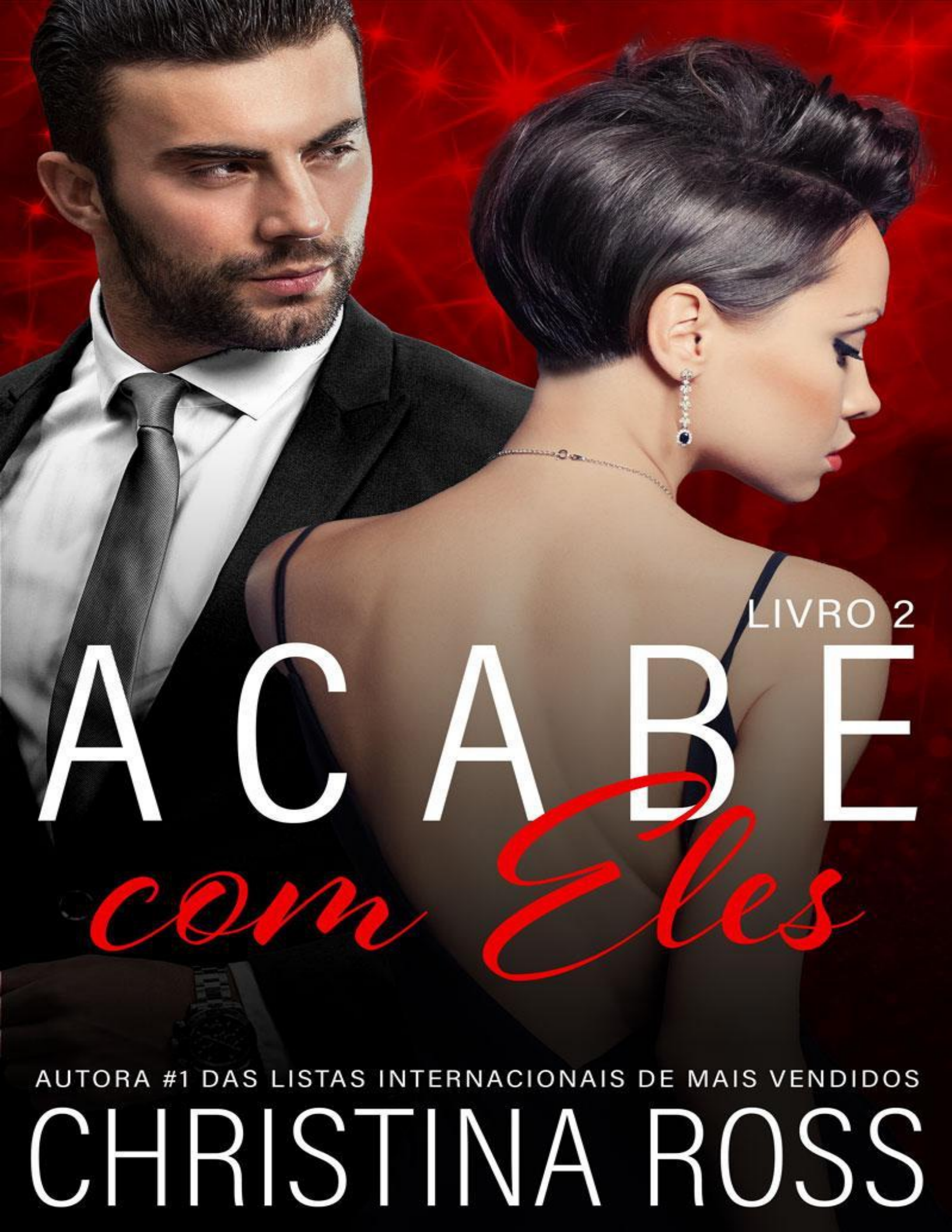


LIVRO 2

ACABE *com Eles*

AUTORA #1 DAS LISTAS INTERNACIONAIS DE MAIS VENDIDOS

CHRISTINA ROSS

Acabe com Eles, Livro 2

De

Christina Ross

Acabe com Eles é um novo livro do universo Acabe Comigo. É uma extensão da série que vendeu mais de três milhão de livros no mundo inteiro.

Muitos leitores perguntaram! ;-)
Eis a ordem de leitura da série Acabe Comigo:

Acabe Comigo, Livro 1
Acabe Comigo, Livro 2
Acabe Comigo, Livro 3
Acabe Comigo, Livro 4
Acabe Comigo, Edição de Natal

Liberte-me, Livro 1
Liberte-me, Livro 2
Liberte-me, Livro 3

Acabe Comigo, Livro 6
Acabe Comigo, Livro 7
Acabe Comigo, Livro 8

Incendeie-me

Acabe com Eles, Livro 1
Acabe com Eles, Livro 2
Acabe com Eles, Livro 3
Acabe com Eles: Edição de Natal

Para os meus amigos e minha família.

Para minha melhor amiga, Erika Rhys, com quem sempre pude contar.

E especialmente aos meus leitores, que são o mundo para mim. Gostaria de agradecer a todos pelo apoio contínuo!

Obrigada por seguir a série Acabe Comigo até o capítulo emocionante e completamente novo chamado Acabe com Eles.

Direitos Autorais e Aviso Legal: esta publicação está protegida pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA de 1976 e por todas as outras leis internacionais, federais, estaduais e locais aplicáveis, e todos os direitos são reservados, incluindo os direitos de revenda.

Quaisquer marcas registradas, marcas de serviços, nomes de produtos ou características nomeadas presumem-se ser de propriedade de seus respectivos donos e são usados somente como referência. Não há endosso implícito em caso de uso de nenhum desses termos. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico (inclusive fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem permissão por escrito do autor.

Primeira edição do e-book © 2020.

Isenção de Responsabilidade:

Este é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas (a não ser que explicitamente mencionado) é mera coincidência. Copyright © 2020 Christina Ross. Todos os direitos reservados no mundo todo.

ÍNDICE

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Livros de Christina Ross
Lista de e-mail/Mídia Social

LIVRO DOIS
CAPÍTULO 1

Quando acordei na manhã após o tiroteio, abri os olhos e vi que Alex e eu ainda estávamos em um dos sofás da sala de estar. Minha cabeça estava apoiada no ombro dele. Alex roncava de leve, com o queixo encostado no peito. A televisão ainda mostrava a CNN, relatando os eventos da noite anterior.

Em algum momento, tarde da noite, devíamos ter pegado no sono, completamente exaustos, enquanto assistíamos ao noticiário.

Pelo menos, tínhamos trocado de roupa depois da festa. Eu vestia uma bermuda e uma camiseta. Alex também. Lembrei-me de ter voltado para casa, tomado um banho para tirar o sangue do rosto e lavar a noite e, em seguida, atendido a uma infinidade de telefonemas de Blackwell, Lisa, Madison e Brock, Epifania e Kate Stone.

Antes de nos deixar em casa, Tank sugerira que, com Diana Crane e Mike Fine mortos, talvez fosse melhor que Alex fizesse um comunicado à imprensa na tarde seguinte.

— Já considerei isso — dissera Alex. — Dois dos membros do nosso conselho estão mortos. Apesar de amanhã ser domingo, mesmo assim quero ficar à frente nessa história. Como estarão os mercados ao abrirem na segunda-feira? Os investidores desejarão saber quais serão meus planos para ir adiante sem Diana e Mike. Sei que isso soa horrível, como se a vida deles não importasse, mas é assim que nossos investidores pensarão. Preciso deixá-los tranquilos e garantir que o conselho e eu faremos o possível para selecionar pessoas altamente qualificadas para assumir o lugar de Diana e Mike.

— Enquanto isso, o que precisa de mim? — perguntara Tank.

— Antes que eu fique em frente à imprensa, preciso que descubra o máximo possível sobre o que aconteceu esta noite. Eles me farão uma infinidade de perguntas que não terei como responder sem isso. Telefonarei para Ann amanhã cedo para agendar a coletiva para duas da tarde. Nós a faremos no saguão da Wenn. Depois disso, Jennifer e eu entraremos em contato com as famílias de Diana e de Mike para prestarmos solidariedade. Ligue para mim às onze para me dizer o que descobriu. E obrigado, Tank. Não há como saber por quanto tempo eles teriam continuado a atirar se você não tivesse aparecido.

— Acho que acertei um deles, mas quem foi atingido não morreu. Em vez disso, entrou no carro e fugiu. Amanhã, vou falar com a polícia e lembrar a eles do meu papel no que aconteceu hoje à noite. Talvez, devido ao caos completo, isso tenha se perdido.

Antes que ele fosse embora, eu o abracei. — Você é uma das pessoas mais corajosas que conheço — disse eu em seu ouvido. — Sempre foi, repetidamente. Obrigada, Tank. Você salvou dezenas de pessoas hoje à noite. Espero que saiba disso. Sei com certeza que salvou a nossa vida. Não tenho como agradecer o suficiente pelo que fez por todas as pessoas que estão vivas agora por sua causa. Você é um herói.

Percebi que ele ficou constrangido quando eu disse aquilo, mas era verdade. Alex e eu faríamos com que aquela cidade e o nosso país soubessem o que Tank fizera, pois ele merecia o reconhecimento. Depois de apertar a mão de Alex, Tank nos disse que iria para casa... e foi embora.

Agora, acordei Alex gentilmente com um beijo no rosto.

— Ei — disse eu. — Está na hora de acordar.

Quando eu disse aquilo, ele me olhou assustado... como se tivesse que ter medo de mim. Mas, ao me reconhecer, ele me pegou nos braços e apertou-me com força, como se tivesse achado que me perdera.

— Estou aqui — disse eu. — Nós dois estamos. Tivemos sorte, Alex. Infelizmente, vários outros não tiveram.

— Tive um pesadelo em que você tinha morrido — disse ele ao encostar a testa na minha. — Foi horrível. Eu me lembro de gritar para que voltasse para mim, mas você não voltou.

— Estou aqui — repeti.

— O que diabos aconteceu ontem à noite?

— Um show de horrores.

— Por que alguém faria aquilo?

— Olhe para o mundo em que vivemos, Alex. Olhe para Orlando. San Bernardino. Sandy Hook. E todos os outros assassinatos em massa que aconteceram recentemente no nosso país e no exterior. Quem sabe o que motivou aqueles dois indivíduos a fazerem o que fizeram? Eu certamente não sei.

Coloquei a mão no joelho dele e beijei-o firmemente nos lábios. Em seguida, segurei-o em um abraço forte até sentir seu corpo relaxar contra o meu. — Deixe-me pegar um pouco de café para nós. Assistiremos ao noticiário, telefonaremos para Ann para que ela providencie a coletiva de

imprensa. Depois, discutiremos as melhores estratégias para irmos adiante.

— Que horas são? — perguntou ele.

— Um pouco depois das sete.

— Tank ficou de me ligar a que horas? Onze?

— Onze. Portanto, assista ao noticiário. Vou buscar um pouco de café... e depois planejaremos o restante do dia.

* * *

Ao meio-dia, Blackwell telefonou.

— Como você está? — perguntou ela quando atendi o celular.

— Grata por estar viva.

— Não consegui dormir na noite passada — disse ela. — Mas também estou grata por você ainda estar entre nós, bem como Daniella e Alexa. Elas mandaram um beijo.

— Outro para elas.

— Ouvi no noticiário que Alex fará uma coletiva de imprensa às duas horas.

— Sim, fará. Eu deveria ter telefonado para você, mas as coisas estão uma loucura aqui, Barbara. Tank telefonou às onze para nos dizer como estão as investigações. Alex telefonou para a família de Diana e a de Mike para dar os pêsames. Mas, como não achamos que seja suficiente, pretendemos encontrá-los pessoalmente mais tarde. Precisamos...

— Chega — disse ela. — Já entendi. Estou no carro agora e chegarei ao seu apartamento em dez minutos. Vocês já tomaram banho?

— Ainda não.

— Há tempo suficiente. Sabe o que vai vestir na coletiva de imprensa?

— Estou pensando em usar algo preto.

— E Alex?

— Também.

— É o certo — disse ela. — Mande Alex tomar banho agora. Temos menos de duas horas para chegar à Wenn. Suponho que os dois se ocuparam esta manhã escrevendo o discurso dele?

— Fizemos o melhor possível.

— Então talvez você precise da minha ajuda de outras formas. Com Diana

e Michael mortos, este é um momento crítico para a Wenn. Os mercados devem ter certeza, na manhã de segunda-feira, que Alex está no controle. Vocês já sabem disso. Posso ajudar com as roupas e também ler o discurso que Alex pretende fazer para a imprensa. Se eu achar necessário mexer em alguma coisa e vocês concordarem, nós o arrumaremos. Caso contrário, tudo certo. Portanto, diga a ele para entrar no banho. Estarei aí em alguns momentos.

* * *

E foi o que aconteceu.

Enquanto Alex ainda tomava banho, um dos porteiros anunciou a chegada dela pelo interfone. Logo, Blackwell batia na porta. Quando atendi, ela olhou para mim por um momento e, apesar de como tinha se arrumado com a roupa Chanel preta, percebi a fadiga e a preocupação em seu rosto.

Ela deu um passo à frente e segurou-me nos braços. — Graças a Deus, você está viva — disse ela ao entrar. Fechei a porta atrás dela. — Graças a Deus, os dois estão vivos.

Ela parecia tanto a mãe que eu nunca tivera que prolonguei o abraço. — Foi horrível — disse eu.

— É claro que foi.

— Vi Diana e Mike morrerem bem à minha frente.

— Então você provavelmente está em choque. Alex viu a morte deles?

— Não acho que ele viu o que eu vi.

Ela se afastou de mim, mas ainda segurando minhas mãos com força. — Como você sobreviveu com eles tão perto?

— Estávamos nos preparando para ir embora da festa — respondi. — Na verdade, parecia que todo mundo estava indo embora naquele momento, pois a multidão era enorme. Quando saímos, alguém bateu no meu braço e a minha bolsa caiu na calçada. Alex e eu nos abaixamos para pegá-la e foi quando os tiros começaram. Alex se jogou sobre mim e ficamos deitados no chão, enquanto eles continuavam a matar as pessoas. Até que Tank os deteve.

— Tank? — perguntou ela com surpresa na voz. — Eu não sabia que ele estava envolvido. Ninguém está falando que ele estava envolvido.

— Alex mandou uma mensagem para ele nos buscar dez minutos antes de

sairmos — respondi. — Ele estava na limusine nos esperando quando o caos começou. Quando ele atirou, eles fugiram. É por causa de Tank que não morreram mais pessoas. Novamente, ele é um herói.

— O que ele fez deve ser conhecido — comentou ela.

— Acredite, será conhecido... está no discurso.

— Como deveria ser — disse ela. — Mas o tempo está contra nós e preciso garantir que os dois estejam prontos para a imprensa. Vamos até o seu quarto para que eu possa olhar seus armários. Já sei exatamente o que quero que cada um de vocês demonstre. Depois disso, quero ver o discurso de Alex. Sei que o discurso foi escrito sob estresse e talvez precise de um novo olhar.

— Fizemos nosso melhor — comentei.

— É claro que sim — retrucou ela. — Isso não foi uma crítica. — Ela passou o braço no meu e andamos pelo apartamento. — Encontrar algo adequado a vestir demorará segundos — disse ela ao me puxar um pouco mais para perto. — Quanto ao discurso, só quero lê-lo para ter certeza de que tem as notas certas. Não vou mentir para você, Jennifer. Nunca menti e nunca mentirei. Com Diana e Michael mortos, este é um momento crítico para a Wenn. Esse discurso precisa acalmar os investidores antes que os mercados abram na segunda-feira. Ele precisa acabar com qualquer preocupação de que Alex não esteja completamente no controle desta situação. E precisa garantir a eles que a Wenn, apesar de arrasada com a perda, será ainda mais forte. Nós três podemos trabalhar nisso e aperfeiçoar o discurso.

* * *

Mais tarde, depois de Alex e eu tomarmos banho, Blackwell nos vestiu da forma como achou apropriado para um evento tão sério como aquele. Alex vestiu um terno cinza-escuro e eu em um vestido Dior preto com sapatos de salto alto da mesma cor. Ela mesma cuidou dos meus cabelos e da minha maquiagem antes de ler o discurso que eu e Alex tínhamos redigido mais cedo.

— Em sua maior parte, está excelente — disse ela ao terminar de ler. — Mas o fim não está correto. Precisa ser mais promissor. Apesar de eu acreditar que Alex obviamente deve refletir sobre seu relacionamento com Diana e Michael, também acredito que deve comunicar uma visão clara do

futuro da Wenn sem os dois. Não vi o suficiente disso no discurso. Não vejo clareza no futuro da Wenn. Se concordarem, vamos ajustar essas últimas frases antes que seja tarde demais.

E foi o que fizemos.

* * *

Quando chegamos à Wenn, por volta de uma e meia da tarde, apenas alguns membros da imprensa estavam reunidos do lado de fora à espera da coletiva de imprensa. Mas isso não me surpreendeu.

Depois do ataque terrorista da noite anterior, aquela era a definição exata de um dia de notícias quentes. Por isso, a imprensa da cidade estava espalhada em um esforço de cobrir as mortes impensáveis de cerca de vinte pessoas. A quantidade de repórteres que apareceria para nos ouvir era algo desconhecido, mas, mesmo assim, precisávamos falar com a imprensa, pequena ou grande, para ficarmos à frente da história e garantir que nossos investidores soubessem que, apesar da tragédia, a Wenn estava em boas mãos.

Quando nós três atravessamos o saguão com Tank, que nos levara até a Wenn, vi nossa assistente executiva, Ann, trabalhando com um grupo de pessoas para preparar o palanque para Alex. Achei que ela parecia incomumente tensa, independentemente de como estava chique. Os cabelos loiros estavam presos em um coque firme e a roupa cinza-escura era muito elegante, mas seus olhos eram um poço de preocupação. Peguei as mãos dela ao me aproximar.

— Obrigada por fazer isso tudo em tão pouco tempo — disse eu.

— É claro que eu viria para ajudar como pudesse — respondeu ela. Em seguida, soltou as minhas mãos e abraçou-me. — Estou tão feliz por você estar bem — disse ela. — Por os dois estarem vivos. Vi o noticiário e o vídeo do resultado do ataque. Deve ter sido terrível, Jennifer. — Ela olhou para Alex e foi abraçá-lo. — Graças a Deus os dois estão aqui agora.

— Agradecemos, Ann — disse Alex. — Mais do que imagina.

Ela deu um passo atrás. — Lamento sobre Diana e Mike... e todos que faleceram na noite passada. — Ela balançou a cabeça. — E estou furiosa. Por que alguém faria aquilo? Por que alguém desejaria matar vinte e duas pessoas

inocentes? O que diabos está acontecendo neste país? Quantos disparos em massa teremos que aguentar antes que alguma coisa seja feita?

— Exatamente — comentou Blackwell.

Mas Ann respirou fundo e ergueu as mãos. — Desculpe — disse ela. — Não sou assim. É só que, quando se tem dois filhos, como eu tenho, é impossível não se preocupar.

— É claro — respondi. — Quando Alex e eu tivermos filhos, tenho certeza de que sentiremos o mesmo, Ann... uma proteção feroz.

No momento em que eu disse aquilo, uma expressão de horror invadiu o rosto de Ann. Stephen Rowe tornara público o fato de que eu perdera o bebê e ela sabia disso. Por causa da raiva, Ann simplesmente esquecera.

— Jennifer, eu sinto muito — disse ela. — Isso foi muito insensível da minha parte.

— Você tem filhos, Ann — respondi. — Claro que não quero que sinta que não pode falar dos seus filhos por causa do que aconteceu comigo. Isso seria ridículo. Além do mais, Alex e eu vamos engravidar de novo.

— É claro que vão — disse ela.

— De qualquer forma — disse Alex ao colocar a mão nas minhas costas como demonstração de apoio. Ele sabia que falar sobre filhos era provavelmente a última coisa que eu queria fazer naquele momento. — Só temos alguns minutos antes de começarmos. Enquanto Tank se encontra com Cutter e o restante da equipe de segurança, Barbara se juntará a mim e a Jennifer no meu escritório. Desceremos às duas. Não sei o tamanho da multidão que atrairemos, mas, como Jennifer e eu fomos testemunhas do evento, tenho a sensação de que virá muita gente. — Ele acenou na direção do elevador. — Vamos?

* * *

— Você lidou muito bem com a situação, Jennifer — disse Blackwell quando as portas fecharam à nossa frente e começamos a subir para o 47º andar. Alex pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus.

— Está tudo bem — respondi. — Ann tem todo o direito de se preocupar com os filhos. Eu me sentiria da mesma forma se estivesse no lugar dela. Mas não vamos falar sobre isso agora. Alex precisa se concentrar.

— É claro que precisa — disse Blackwell ao parar ao meu lado enquanto observávamos os andares acenderem na tela logo acima.

Parada entre os dois, senti o amor deles emanando em ondas. Novamente, fiquei maravilhada com a sorte que tinha de tê-los na minha vida.

— Eu amo vocês dois — disse eu quando o elevador desacelerou e as portas abriram. — Mais do que jamais saberão. Agora, vamos — continuei antes que pudessem responder. — Vamos para o escritório de Alex para dar a ele os próximos quinze minutos para organizar as ideias. Depois, enfrentaremos a imprensa, prestaremos honras a Diana e Mike, e definiremos nosso plano para as próximas semanas e meses.

* * *

Quinze minutos depois, foi que o Alex fez em um saguão repleto de pessoas da mídia impressa, *on-line* e da televisão.

Enquanto ele lembrava Diana e Mike em um tributo emocionante, as câmeras explodiam e as pessoas escutavam. Quando ele falou como pretendia continuar a Wenn na ausência deles, percebi alguns repórteres erguendo os gravadores para garantir que não perdessem nada.

Mas, durante todo o evento, havia uma sensação clara de inquietação no saguão que era quase palpável... e não era preciso um gênio para saber a razão. O motivo real para a vinda daquelas pessoas não fora ouvir o que Alex tinha a dizer sobre Diana e Mike nem os planos dele para a Wenn. Estavam lá para martelá-lo com perguntas sobre o que acontecera na noite anterior. Em algum momento, senti que talvez eu mesma fosse questionada. Portanto, preparei-me quando Alex perguntou ao grupo se tinham alguma dúvida.

E, quando ele disse aquilo, foi como uma bomba explodindo e dezenas de pessoas começaram a falar ao mesmo tempo. Alex, que ficava calmo mesmo sob pressão, ignorou o massacre. Ele ergueu a mão em um esforço para silenciá-las, mas, quando não funcionou, Alex simplesmente começou a apontar para os repórteres um por um.

— Qual é a sua pergunta? — perguntou ele ao primeiro repórter que escolheu.

— Você ou sua esposa viu os atiradores? — perguntou o repórter.

— Não vimos.

Ele apontou para outra repórter.

— A sua pergunta?

— Como vocês escaparam sem serem atingidos?

Alex contou à mulher sobre a minha bolsa que caíra e como nós dois tínhamos nos abaixado para pegá-la quando os atiradores abriram fogo. — Coloquei o corpo sobre o da minha esposa — disse ele. — E, como não havia nada que pudéssemos fazer para deter os assassinos, fomos forçados a ficar deitados, escutando a saraivada de balas que matou nossos amigos.

As perguntas continuaram, com Alex lidando com uma multidão faminta por respostas.

— Marion? — disse ele para uma das repórteres.

— Você testemunhou a morte de Diana Crane e Mike Fine?

— Infelizmente, minha esposa testemunhou.

— Ela está disposta a falar sobre o que viu?

— Por respeito às famílias envolvidas, que estão de luto neste momento, acho que seria inadequado Jennifer dar detalhes sobre o que viu. Como cidade, e como comunidade, todos nós devemos respeitar isso.

Ele apontou para outro repórter quando uma onda de novas perguntas surgiu. — Bill? — perguntou ele.

— Você ou Jennifer considerou a ideia de que talvez fossem os alvos na noite passada?

— Não. Os atiradores mataram aquelas pessoas com disparos aleatórios. A finalidade era matar o maior número possível de pessoas. Considerando o que testemunhamos depois, ficou claro que atiraram da esquerda para a direita em um ato sem noção projetado para atingir os convidados dos Witherhouses no momento em que saímos do prédio. Se quisessem matar Jennifer ou eu, teriam atirado bem no meio e acabado conosco, o que poderiam ter feito. Mas não fizeram. Só o que sei é que, neste momento, o FBI e a polícia estão investigando os possíveis motivos.

— Quais você acredita que tenham sido os motivos? — perguntou um repórter.

— Deixarei essa pergunta para ser respondida pelos policiais que estão investigando o caso. Mas há um ponto crítico que todos vocês precisam saber sobre por que o tiroteio acabou abruptamente na noite passada. Os atiradores fugiram do local por causa deste homem — disse Alex ao acenar na direção de Tank, que estava parado ao lado dele.

— Muitos de vocês conhecem Mitch McCollister, há muito o chefe de

segurança da Wenn — disse Alex. — Muitos de vocês também o conhecem como "Tank". Dez minutos antes de Jennifer e eu sairmos da festa, mandei uma mensagem a ele para que nos buscasse. Ele nos aguardava em um carro na Sixty-Seventh Street quando os atiradores começaram o ataque. Se não fosse por Tank, ex-fuzileiro naval, que abriu fogo contra os atiradores, acabando com o massacre deles, não há dúvidas de que muitas outras pessoas teriam morrido. Não há como saber quantas pessoas ele salvou na noite passada, mas foi uma peça importante. Todos nós sabemos disso porque os atiradores fugiram no momento em que ele começou a atirar. E, por isso, ele é um herói.

Considerando a expressão surpresa no rosto dos repórteres, era claro que aquela informação não era do conhecimento deles. Alex chamou Tank para o palanque para responder a perguntas. No momento em que Tank fez isso, foi banhado em uma explosão de luzes à medida que fotografia após fotografia dele era tirada. Da forma típica dele, Tank lidou com as perguntas com facilidade até que Alex interrompeu.

— Nesta manhã, Jennifer e eu telefonamos para as famílias de Diana Crane e Mike Fine, mas ainda não as visitamos, o que pretendemos fazer. Quero agradecer a todos vocês por terem vindo aqui hoje. Por fazerem suas perguntas. Por se importarem com o que aconteceu na noite passada. E também quero que saibam que cada um de nós estará pronto para responder às suas perguntas daqui em diante. Com a cobertura e as informações diligentes de vocês e o trabalho essencial sendo realizado pela polícia local e pelo FBI, as pessoas responsáveis serão encontradas, levadas perante a justiça e, no fim, pagarão pelo que fizeram.

CAPÍTULO 2

Mais tarde naquela noite, depois que Alex e eu voltamos para casa, senti-me exausta... mais mental do que fisicamente. Mas ainda exausta.

Tínhamos visitado as famílias de Diana Crane e de Mike Fine, o que não foi uma tarefa fácil. Mesmo assim, era preciso e foi o que fizemos. Independentemente de conflitos do passado, sabíamos que tínhamos que enfrentar a situação, respeitar a vida deles e, mais do que tudo, agir corretamente com as famílias.

Diana fora casada por trinta e um anos e tinha duas filhas com pouco mais de vinte anos. O marido e as filhas estavam arrasados com a perda da esposa e da mãe. Mike Fine era mais jovem. Aos quarenta e três anos, ele fora casado por dezesseis anos e tinha dois filhos e uma filha, todos com menos de doze anos. E todos estavam completamente arrasados, sem palavras. Todos imaginando o que viria a seguir.

Alex disse a eles o que viria: cinquenta milhões de dólares em ações da Wenn para cada família, que poderiam ser mantidas com a expectativa de que seu valor aumentasse ou vendidas no dia seguinte. O que eles fariam com as ações não importava para Alex nem para mim. O que importava era que aquelas pessoas soubessem que tinham nosso apoio e nossa solidariedade. Eu podia não ter gostado de Diana nem de Mike, mas o que isso tinha a ver com a família deles? Nada. Os dois tinham morrido e as famílias precisavam de nós naquele momento.

Portanto, Alex e eu decidimos protegê-las. Afinal de contas, de que adiantava todo o nosso dinheiro se não podíamos ajudar pessoas em uma situação tão trágica como aquela?

Ao subirmos de elevador até o nosso apartamento, ficamos em silêncio. Mas, quando Alex fechou a porta atrás de nós e fomos para a sala de estar, ele se aproximou por trás de mim, passou o braço em volta da minha cintura e puxou-me para perto de si, a ponto de eu conseguir sentir a barba por fazer contra a nuca.

— Eu sinto muito — disse ele.

Virei-me e vi o pesar no rosto dele. A perda nos olhos cheios de lágrimas.

— Não lamente — respondi.

— Eu deveria ser mais forte que isto.

— Você é um dos homens mais fortes que conheço. Mas você é humano, Alex. Em poucos anos, você perdeu seus pais e sua primeira esposa, o que o deixou arrasado. A morte esteve perto de você vezes demais. Saiba que estou aqui ao seu lado. E que sempre estarei.

— Quero fazer amor com você — disse ele ao se afastar de mim. — Quero celebrar o fato de estarmos vivos. Quero abraçar você, beijá-la, fazer com que sejamos um só, Jennifer. Porque, se eu não tiver isto, o que terei depois do que aconteceu ontem à noite? O que nós teremos?

— Nada — respondi. — Então, faça amor comigo. Pegue-me nos braços, diga que me ama tanto quanto amo você. E repita tudo. Porque também quero estar com você. Preciso sentir seu coração batendo contra o meu. De alguma forma, sobrevivemos à noite passada. De alguma forma, sobrevivemos a hoje, o que foi mais difícil ainda porque precisamos absorver as perdas e enfrentar o luto de tantos outros. Precisamos ficar juntos agora.

Ele pegou a minha mão e levou-me para o quarto.

Nós dois ainda vestíamos as roupas que Blackwell escolhera. Mas, com o tipo de pressa que demonstrava a importância daquele momento, nós as tiramos rapidamente. Em questão de segundos, estávamos nus, parados um em frente ao outro, enquanto as luzes de Manhattan brilhavam na parede de janelas ao nosso lado.

— Eu amo você — disse ele. — Eu poderia ter perdido você. Você poderia ter sido um deles.

— Mas não fui — respondi em um esforço de reconfortá-lo. — Pois estou bem aqui, como você está. E graças a Deus que você está aqui comigo, Alex. Eu não aguentaria viver sem você. Faça amor comigo agora. Possua-me como nunca fez.

E foi o que ele fez.

Com um movimento ágil, ele me pegou nos braços como se eu não pesasse quase nada. Em seguida, colocou a boca sobre a minha e deu-me um beijo tão profundo que senti sua alma vibrando em mim.

Com muito cuidado, ele me deitou em nossa cama. Passei os braços em volta do pescoço musculoso dele. Senti o lençol frio nas costas, o que me deixou subitamente arrepiada e fez com que meus mamilos enrijecessem. Corri as mãos pelos cabelos de Alex quando nossos olhares se encontraram. Logo depois, ele abaixou a cabeça até um dos meus mamilos e começou a

provocá-lo gentilmente com os lábios e a língua.

Arqueei as costas quando ele fez aquilo e, como o prazer foi muito intenso, estendi os braços nos dois lados do corpo, agarrando o lençol enquanto me contorcia sob o toque de Alex. Meu corpo ficou eletrizado e pareceu uma tortura quando ele pressionou de leve os próprios mamilos nos meus. E, como ele fizera tantas vezes no passado por saber como isso me excitava, começou a esfregá-los em mim enquanto sussurrava em meu ouvido o quanto eu era importante.

Depois de tudo pelo que passáramos nos dois dias anteriores, foi um excesso de sensações, mas cada movimento dele era uma declaração firme de nosso amor um pelo outro. Geralmente, fazíamos amor de forma mais agressiva. Mas, naquela noite, foi diferente, delicado e sensual. Continha um senso profundo de significado.

Repetidamente, os mamilos dele esfregaram nos meus. Repetidamente, ele me levou mais perto do orgasmo. Quando estava prestes a gozar, ele correu o queixo pelo meu torso e, ao fazer isso, a barba por fazer encostou na minha pele exposta, fazendo com que eu jogasse a cabeça para trás em êxtase no momento em que ele me penetrou com a língua.

— Alex — disse eu.

A resposta dele foi me penetrar ainda mais fundo.

— Você vai me fazer gozar...

E, quando ele intencionalmente esfregou o queixo no meu clitóris, tive que reprimir um grito quando meu corpo estremeceu com o orgasmo.

— Jesus — disse eu.

— Mais?

— Faça amor comigo — pedi depois de recuperar o fôlego.

— Ainda não.

— Mas eu quero você dentro de mim.

— Ainda não.

Com movimentos provocantes da língua, ele me devorou enquanto passava as mãos pelo meu corpo, acariciando meus seios, que pareciam incomumente cheios e pesados. Em seguida, ele se ergueu e deslizou sobre mim, mordendo de leve a minha orelha. Senti o hálito quente contra a pele quando ele me disse como eu era linda. Quando fizemos amor, foi cheio de carinho e paixão, intenso, repleto de momentos inesperados de emoção.

Alex me acariciou de tal forma que não houve parte do meu corpo que não tivesse sido tocada. Quando ele me penetrou, foi com tanto cuidado que eu

sabia que o que estava sentindo não era apenas uma conexão física de dois corpos unindo-se. Eu conseguia sentir o amor absoluto por trás das investidas dele.

Éramos nós no que fazíamos de melhor. Era como deveríamos ser. Ele me levava a tais alturas que uma parte de mim se soltou. Botei de lado tudo o que nos perturbara desde a noite anterior e, de alguma forma, flutuei para o além, deixando que ele me levasse ao teto e para cima, pelo ar da noite, onde meu corpo flutuou sobre as luzes da cidade e viu a lua e as estrelas.

Quando gozamos, foi com tanta força que foi difícil negar o que acabáramos de viver juntos: duas pessoas gozando juntas para mostrar seu amor uma à outra depois de uma onda de ódio, destruição e morte.

O poder do amor tinha acabado de apagar tudo aquilo e fiquei feliz, pois isso me deu esperança para o futuro. O amor tinha que ser o futuro, não o ódio. Nunca o crime nem assassinatos. Era o amor que importava. A resposta era o amor.

Eu o abracei com força enquanto ele terminava com um estremecer. Beijei o pescoço e os lábios dele. Logo depois, ele saiu de dentro e de cima de mim. Por um longo momento, ficamos apenas abraçados. Depois, ele me virou de lado, aproximou-se por trás e envolveu-me nos braços ao começar gradualmente a pegar no sono.

CAPÍTULO 3

Nos três dias seguintes, enquanto esperavam que Rowe descobrisse quando os Wenns apareceriam em público novamente, Gia e Carlo ficaram de olho em Janice Jones.

Ela morava em um apartamento de três quartos, de dois milhões de dólares, na esquina da Eighth Avenue com a West Forty-Third Street, o que oferecia vistas espetaculares do rio Hudson e de Manhattan. No primeiro dia, Gia e Carlo passaram pelo prédio logo depois das seis horas da manhã. O sol brilhava e o ar de março estava frio. Ao passarem pelo porteiro, acenaram para ele, que acenou de volta.

— Chique — disse Gia sobre o prédio quando estavam fora do alcance da audição do porteiro.

— Janice Jones deve ter sido uma *stripper* estrela de ouro — disse Carlo.

— Rowe fez a coisa certa — comentou Gia. — Dar a ela o dinheiro vivo para comprar o apartamento sem vinculação a ele foi inteligente. Janice era amante dele na época. Isso deixaria mais difícil para Meredith descobrir qualquer vínculo entre eles.

— Aposto que ele está furioso por Jones ainda morar aqui — disse Carlo.

— Você acha? Ela o destruiu quando divulgou o relacionamento deles naquela coletiva de imprensa.

— Como será que ela consegue pagar as despesas? — perguntou Carlo. — Há taxas de condomínio, luzes para manter acesas, comida para comprar. Ela voltou a se apresentar?

— Duvido muito. Lembra-se das joias que Rowe nos disse que tinha dado a ela no decorrer dos anos? Eu acho que ela as vende quando está com pouco dinheiro. E demorará muito tempo, se ela for inteligente com o dinheiro, antes de acabar com as joias. Enfim — disse ela. — Vamos tomar um café na Starbucks do outro lado da rua. Escolhemos uma mesa perto da janela e esperamos para ver se ela aparece.

— Você sabe que talvez fiquemos sentados lá o dia inteiro, certo?

— A Starbucks não vai se importar — respondeu ela. — Afinal de contas, não é para isso que ela serve? Você compra um café, conecta o computador e

fica lá pelo tempo que quiser? Se é isso que temos que fazer para ver como Janice vive o dia a dia, Carlo, aguente firme, pois não vejo outra forma.

* * *

No decorrer do tempo, eles entenderam o ritmo da vida de Janice Jones. Mas, naquele primeiro dia, houve uma reviravolta inesperada.

Às nove horas, Jones começou o dia tomando um café na Starbucks onde Gia e Carlo estavam. Sem acreditar, eles observaram quando ela atravessou a rua correndo, entrou na loja e ficou na fila, o que possibilitou que a vissem pessoalmente pela primeira vez.

— Consegue acreditar nisso? — comentou Carlo, falando por cima do copo.

— Estamos na Starbucks. É manhã. É bem em frente à casa dela. Na verdade, faz muito sentido.

Rowe entregara diversas fotografias de Jones a eles, mas, no que dizia respeito a Gia, nenhuma delas fazia justiça. Janice Jones era linda, uma mulher com estatura delicada, trinta e poucos anos, cabelos loiros, olhos azuis e pele com aparência fresca.

Ela também estava em muito boa forma, o que era claro, pois vestia calças pretas justas, uma camiseta azul-escuro justa e tênis da mesma cor. Ela parecia impecável e Gia teve que admitir que, pelo histórico de *stripper* de Jones, não esperava que parecesse tão sofisticada. Se era para trair Meredith, não era surpresa que Stephen Rowe escolhera aquela mulher.

— Ela é gostosa — disse Carlo em voz baixa enquanto Jones fazia o pedido no caixa.

— Parece que ela vai para a academia...

— Ou isso ou vai correr. Vamos torcer para que vá para a academia.

— Será a academia — retrucou Gia. — Ela não vai correr com um copo de café nas mãos... a não ser que beba tudo aqui. Veremos, mas aposto como ela tomará o café enquanto caminha ou pega um táxi para a academia que frequenta.

— Há muitas delas por aqui.

— Acho que há uma academia em cada quarteirão nesta cidade.

— Com essa aparência, aposto como ela ganhou uma fortuna enquanto

trabalhou como *stripper* — disse Carlo. — E o lugar onde trabalhava devia ser um desses clubes masculinos de alto gabarito.

— Sem dúvida... e lá vai ela. Segurando o café contra o peito. O rabo de cavalo balançando como se ela não tivesse uma preocupação sequer no mundo. Meu Deus, há um choque à espera dessa mulher. Vamos dar a ela um minuto para ficar à frente e depois nós a seguiremos.

Eles a seguiram até o Manhattan Plaza Health Club, onde ela desapareceu no lado de dentro por duas horas. Durante os dois dias seguintes, ficou claro para eles que aquilo era parte da rotina matinal dela, uma informação que seria essencial ao decidirem quando e como a pegariam.

* * *

Para Janice Jones, as tardes se passavam almoçando em restaurantes caros com amigas ou indo para shoppings da Quinta Avenida com elas.

— A metade do dia está fora — disse Gia a Carlo no terceiro dia.

Eles estavam na cozinha de casa e Carlo servia duas taças de vinho tinto.

— Ela parece estar sempre com alguém à tarde, o que tornará impossível chegar perto. Mas, nas manhãs, acho que concordamos que ela fica sozinha. O mesmo acontece no começo da noite. Nas duas últimas noites, ela saiu para correr às sete horas. Se ela correr nesse horário hoje à noite, teremos um padrão confirmado. Ela correrá para o sul até a Thirty-Sixth Street, virará à direita até chegar à Madison Avenue e, depois, virará à esquerda na Forty-Third Street para voltar para casa. Uma corrida de quase cinco quilômetros.

— E daí se ela fizer isso? — perguntou Carlo ao se apoiar no balcão e tomar um gole do vinho. — No que me diz respeito, as noites também estão fora. Rowe quer que a peguemos no mesmo dia em que mataremos os Wenns. Você sabe disso. E há um motivo perfeitamente bom para isso, com o qual concordamos: não mostrar nossa mão e evitar sermos identificados. Como nós dois sabemos que o próximo evento social dos Wenns provavelmente será à noite, também sabemos que nossa única chance de pegar Jones será pela manhã.

— Sabe o que me preocupa? — disse Gia. — E se Rowe telefonar hoje e disser que o próximo evento dos Wenns é amanhã à noite? Não teremos tempo para nos planejarmos.

— Diremos a ele que está fora de questão. Que precisamos de pelo menos três dias para planejar. Qualquer coisa menos que isso não serve.

— Talvez ele nos demita. Poderíamos perder milhões.

— Eu realmente não me importo se ele nos demitir ou não, Gia. Nenhuma quantidade de dinheiro vale ir para a prisão por causa daquele filho da puta. Se ele quiser terminar nossa relação, que termine. Mas aposto como não fará isso porque, até onde sei, não existe uma linha direta de assassinos que ele possa procurar para nos substituir. Pessoas como você e eu não são fáceis de encontrar.

Ela teve que sorrir ao ouvir aquilo.

— Então o que sabemos é o seguinte — disse Carlo ao bater de leve com a taça contra a dela antes de beber um gole do vinho. — Pegaremos Jones pela manhã quando ela sair para se exercitar. Encontraremos uma forma de tirá-la da rua para matá-la em um lugar seguro. Minha sugestão é alugarmos um depósito, matarmos Jones lá e deixarmos o corpo lá para apodrecer até que alguém sinta o cheiro da vadia... o que acontecerá vários dias depois de matarmos os Wenns, pois ainda está um pouco frio. — Ele deu de ombros. — O que acha?

— Parece um plano bom. E sabe de uma coisa? Aposto como Mario poderia nos ajudar a encontrar esse depósito. Ele conseguiu que rebocassem para nós aquele carro estacionado em frente à casa dos Witherhouses. E disse para telefonarmos se precisássemos da ajuda dele de novo. Aquele homem é tão bem conectado nesta cidade como era o tio Niccolo. Ele deve conhecer algum depósito.

— Então telefone para ele e resolva isso logo, pois precisamos disso antes que Rowe ligue com informações sobre quando iremos atrás dos Wenns. Mas, escute bem, o depósito precisa de uma entrada como uma garagem. Uma porta que possa ser levantada com controle remoto. Para deixar as coisas o mais tranquilas possível, quero abrir a porta ao nos aproximarmos, entrar com o carro e fechar a porta. Só depois disso mataremos Jones.

— Vou telefonar para Mario agora mesmo.

— Consiga o depósito, Gia. E ofereça a quantia que for preciso para resolver o depósito o mais rápido possível.

CAPÍTULO 4

Nos três dias que se passaram depois que os terroristas mataram e feriram mais de quarenta pessoas do lado de fora da mansão dos Witherhouses, ficou claro para Alex e para mim que falar com a imprensa logo, como fizéramos, salvara nossa pele no que dizia respeito às ações da Wenn.

Na manhã de segunda-feira, elas não caíram como esperávamos. Em vez disso, elas subiram, o que nos sugeriu que o plano de Alex sobre como administrar a Wenn sem Diana e Mike fora bem aceito pelos investidores.

O que nos ajudou nessa causa foi o apoio que recebêramos da imprensa. Depois de ler nossos relatórios, a imprensa determinou que, apesar de um conselho sem alguns membros, a Wenn ainda era uma força a ser reconhecida. Além disso, com Alex no comando, muitos membros importantes da mídia escreveram que, nas semanas seguintes, ele encontraria substituições adequadas para Diana e Mike.

— Não há motivo para preocupação — escrevera o *Wall Street Journal*. — Alexander Wenn provou várias vezes que a Wenn Enterprises está em mãos muito capazes. A empresa só cresceu desde que ele a herdou há oito anos, quando o pai dele matou a esposa e suicidou-se.

Nos três dias anteriores, Alex e eu fomos a funerais demais. Não conhecíamos todos os que tinham morrido naquela noite, mas éramos próximos o suficiente de onze deles a ponto de querermos prestar solidariedade pessoalmente. Fora algo doloroso e extenuante, especialmente para Alex, que conhecera muitas daquelas pessoas por muito mais tempo que eu. Alguns dos homens e mulheres que tinham morrido eram conhecidos dele desde criança.

Agora, no quarto dia, depois de todos os funerais, visitas em hospitais e telefonemas, tínhamos que ir em frente. E foi o que fizemos, apesar de ainda não termos respostas sobre quem cometera os crimes.

Só o que a polícia sabia, dos vídeos de vigilância que tinham obtido dos Witherhouses e de outros vizinhos, era que havia duas pessoas por trás dos disparos, um homem e uma mulher. Um Toyota Camry, que fora informado como tendo sido roubado de New Jersey dois dias antes do crime, fora

encontrado na esquina da West Fifty-Seventh Street com a Tenth, com fuzis e máscaras pretas de esqui no porta-malas. Ainda não havia notícias de impressões digitais obtidas no carro, mas, com os contatos de Tank, saberíamos antes da maioria das pessoas.

Depois que Alex preparou o café da manhã, o que me fez amá-lo ainda mais, pois eu sempre dava muita importância a ele e aos seus atos gentis inesperados, comecei a manhã no escritório com Blackwell. Ela ainda estava abalada com tudo o que acontecera, bem como a maioria das pessoas em Manhattan e no resto do mundo.

— Bom dia — disse eu quando entrei no escritório dela.

Ela lia o *Times*. Quando entrei e sentei-me à frente dela, com uma xícara de café na mão, ela ergueu a cabeça e sua expressão ficou mais suave.

— Bom dia, minha querida. Como está?

— Pronta para voltar ao trabalho — respondi.

— Você parece ansiosa para...

— Estou. Aqueles dois imbecis tiraram tanta coisa de tantas pessoas naquela noite. E agora provavelmente querem que os que sobreviveram se sintam derrotados. Assustados. Querem que sintamos que eles venceram. Querem acreditar que nos enfraqueceram. Depois de três dias de funerais e reflexões, estou em um ponto em que tenho que dizer foda-se. Porque, se eu não disser, se nós todos não dissermos isso, eles terão vencido, Barbara. E eu me recuso a deixar que vençam. Não vou deixar isso acontecer. Portanto, é hora de voltar ao trabalho e à vida.

— Concordo — disse ela baixinho. — Mas talvez seja difícil.

— Nada disto é fácil.

— Não, não é — disse ela ao se recostar na cadeira e estudar-me. — Você tem um evento no próximo sábado, daqui a apenas quatro dias. Você e Alex ainda pretendem ir?

— É claro. É o evento anual da Fundação Stone, de Kate Stone. É claro que pretendemos ir.

— Desculpe por estar um pouco distraída, mas que evento é esse mesmo?

— É um evento de caridade para a Fundação Stone, que Kate fundou em memória do marido, Michael, depois que ele foi assassinado. Você sabe a história, não sabe?

— Sim, foi uma tragédia. Mas ela parece ter saído bem da situação. Ele morreu há uns cinco ou seis anos, não foi?

— Por aí.

— E eu não li em algum lugar que ela está saindo com um novo rapaz?

— Ben Cade — respondi. — O primeiro amor dela, da época da escola. Ele agora é detetive particular. Não vou entrar em detalhes, mas o destino os reuniu e agora eles estão noivos.

— E você gosta dela?

— Eu a adoro.

— Então provavelmente eu também gosto dela.

— Tank e Lisa também irão. Kate é uma grande fã dos livros de Lisa e quer conhecê-la.

Blackwell se inclinou para a frente. — Olhe, se vão a esse evento, precisamos encontrar vestidos para você e para Lisa... e estamos quase sem tempo. Que tal uma terapia de compras muito necessária hoje?

— Vim para trabalhar, mas tenho que admitir, Barbara, eu adoraria.

— Eu também. Nós vamos nos divertir. Ora, preciso voltar ao que eu era antes... e atentar a coitada da Chloe na Bergdorf's resolverá o problema. Telefone para Lisa. Veja se ela está disponível. Se estiver, marque para o meio-dia.

— Fechado.

— Um momento antes de ir embora.

— Claro.

— Eu repeti isso várias vezes, mas não acho que saiba como me sinto grata e sortuda por você e Alex terem sobrevivido naquela noite. A essas alturas, não sei o que eu faria sem um dos dois na minha vida. Vocês são a minha família.

— E você, Daniella e Alexa são a nossa.

— Família — disse ela. — É engraçado o que ela significa à medida que você envelhece, não é? A definição muda. O círculo diminui. As pessoas principais que você deseja por perto se tornam importantes de uma forma que nunca achou que se tornariam. Mas elas se tornam importantes. O sangue não faz uma família. Antigamente, achava que sim, mas não agora. Minha família são as minhas filhas, Alex e você, Lisa e Tank, e Cutter. Agora dê-me um beijo — disse ela ao se levantar de trás da mesa.

Larguei a xícara de café e beijei os dois lados do rosto dela.

— Eu amo você, Barbara. Obrigada por ser meu ventre substituto.

— *Por favor*, pare de dizer isso. É grotesco.

— E é verdade.

— Então você precisa achar uma forma melhor de dizer isso porque meu

ventre, por mais fabuloso que tenha sido um dia, provavelmente precisaria de um cirurgião plástico a essas alturas. Eu poderia aparecer nas manchetes como a primeira mulher a fazer uma plástica no ventre.

— Vou telefonar para Lisa — disse eu ao me afastar dela.

Blackwell puxou a bainha do casaco para baixo. — Faça isso — disse ela. — Sairemos ao meio-dia.

CAPÍTULO 5

— Cutter, querido, vamos para a Bergdorf's — disse Blackwell.

— Sim, senhora.

Ela se virou para mim quando ele acelerou e seus olhos brilhavam mais do que mais cedo. Ora, bastava dar à mulher um motivo para fazer compras e ela ficava elétrica. — Você sabe, só de dizer a palavra "Berrrrrgdorf" já me deixa empolgada.

— Sei o que pretende, mas precisa ser simpática com Chloe.

— Quem disse? Ela ganha uma fortuna em comissão conosco. Além do mais, só o que geralmente faço é cutucá-la com uma vara algumas vezes quando ela me decepciona.

— Algumas vezes, acho que você a cutuca com força demais.

— E, algumas vezes, acho que você é mole demais.

— Você é impossível.

Ela ergueu o queixo. — Eu sou é Blackwell...

— Jesus.

— Como você está, Cutter? — perguntou Lisa. — Faz tempo que não vejo você.

Lisa estava sentada entre Blackwell e eu. E, como eu dissera que era Blackwell quem estava nos levando às compras, ela resolvera se comportar de forma completa e intencional.

Apesar de ela geralmente ficar sentada atrás de um computador, vestindo um moletom e uma camiseta, enquanto escrevia o livro em que estava trabalhando, Lisa vestia calças Prada cor de creme, um suéter da mesma cor e um casaco Arkis vermelho. Nos pés, Louboutins vermelhos. Os cabelos loiros caíam suavemente sobre os ombros e a maquiagem era discreta. Ela tinha uma aparência tão perfeita que Blackwell chegou a cumprimentá-la quando fomos buscá-la.

— Estou bem, Lisa — respondeu Cutter. — E você?

— Fantástica. Esta manhã, um dos meus zumbis arrancou a cabeça de um cara, abriu o crânio dele com a ajuda de uma pedra e usou os dedos para tirar o cérebro para comê-lo. Mas, como isso claramente já foi feito antes, estou

pensando em colocar um toque especial. Se o cara morto era inteligente, talvez comer o cérebro dele deixe o zumbi mais inteligente...

— Na verdade, isso seria mesmo um toque bacana...

— Também acho. Quero dizer, imagine se o cara morto era um gênio. E o zumbi fica muito inteligente porque comeu o cérebro dele? Pense só nas possibilidades.

— Esse zumbi poderia organizar algum tipo de revolta.

— Ai, meu Deus, viu só? Adorei!

— Vocês dois e seus zumbis.

— Como acontece com Tank até hoje, Cutter também conhece o poder dos Z — disse Lisa.

— Não pode escrever sobre alguma coisa que seja importante? — perguntou Blackwell quando Cutter parou em um sinal fechado. — Algo útil, como Botox de uso tópico ou algo parecido? Basta passar em volta dos olhos e tudo fica perfeitamente liso em questão de minutos. Odeio aquelas injeções malditas.

— O que é importante? — perguntou Lisa. — Achei que o que importava era aumentar a linha de base da Wenn, o que meus livros estão fazendo.

— Ora, ora, você não está um pouco desconexa esta manhã?

— Na verdade, eu estou me sentindo um pouco desconexa. — Ela se virou para Barbara e vi os olhos da minha amiga brilharem. — Sabe, Barbara, no meu livro novo, escrevi um personagem baseado em você.

Ai, não, ela não fez isso...

— Do que diabos você está falando agora?

— Jennifer sabe... nós só mantivemos isso em segredo.

— Traidora! — disse Blackwell para mim. — O caralho que ela vai me colocar em um de seus livros.

— Não é tão ruim como você pensa... — respondi.

— Mentira!

— Não é — disse Lisa. — E já está feito. O nome dela é Bertha. Você a inspirou. Naturalmente, Bertha é membro dos mortos-vivos, mas, como uma parte dela lembra que ama costura, ela ataca todas as lojas da Chanel em Manhattan.

— Vou processar você!

— É uma sátira, você não pode me processar. Além do mais, acho que você gostaria de Bertha...

— Que nome horrível!

— ... porque, à medida que apodrece, o tamanho que ela veste diminui. Ah, e ela também decide que costureiros vivem ou morrem, mesmo que seja apenas para ajustarem as roupas adequadamente ao seu corpo. Se eles não fizerem direito, perdem pedaços do corpo. Portanto, sabe, obrigada pela inspiração.

— Está me dizendo que Iris concordou com isso?

— Estou dizendo que nem mesmo minha editora sabe que é você. Portanto, não se preocupe. O que eu fiz foi uma homenagem a você, se pensar bem sobre o assunto. Pense bem, os mortos-vivos não deveriam querer roupas bonitas tanto quanto você?

— Bom — disse Blackwell, claramente encurralada.

— Sério, não deveriam?

— Todos deveriam ter a melhor aparência possível... mortos ou vivos.

— Então aceite isso como um elogio. O único objetivo é uma boa diversão. Na verdade, acho que você gostará da cena.

— A conferir. Mas que seja. Tenho coisas muito mais importantes com que lidar no momento do que me preocupar em ser a inspiração para uma zumbi chamada Bertha. Chegamos. Na Bergdorf. Jennifer, já posso lhe dizer que você brilhará no sábado à noite.

Em seguida, ela se virou e olhou friamente para Lisa.

— Quanto a você, minha querida escritorazinha, os zumbis, como você diria, ainda estão à procura.

* * *

Quando Cutter desacelerou o carro e parou em frente à Bergdorf, Blackwell ergueu a mão para nos impedir de sair.

Ela colocou a mão dentro da bolsa, pegou o SlimPhone e digitou alguns números. Depois de uma pausa, ela disse: — Chloe, está pronta para nós? Ótimo. Estamos do lado de fora e encontraremos você em trinta segundos.

Ao terminar de falar, ela desligou o telefone. Em seguida, Cutter saiu do carro e deu a volta para abrir a porta de trás. Nós três saímos para a calçada.

— Você deveria comandar uma milícia — disse Lisa a Blackwell.

— Cuidado com a língua, garota.

— É sério. É meio doido observar você. Obviamente, eu já a vi em ação

depois de todos esses anos, mas ainda não consigo entender como você consegue botar todo mundo na linha da forma como faz.

— É porque você não consegue entender a ideia de poder — respondeu ela. — Agora, andem em direção ao prédio. Falei a Chloe que estaríamos lá dentro em trinta segundos e você *não* vai estragar isso. Cutter, meu querido, telefonarei para você dez minutos antes de estarmos prontas para ir embora, ok?

— Sim, senhora.

— Viu! — disse Lisa ao andarmos em direção à entrada da Bergdorf's. — Olhe para Jennifer e eu, marchando em direção à Bergdorf's como se fôssemos seus robôs, enquanto o coitado do Cutter agora está de guarda, pronto para nos buscar ao ser chamado. Acho que somos sua milícia.

— Então tenho um tremendo mau gosto em se tratando de escolher meus soldados... com exceção de Cutter. Ele é alguém que todos querem no time, como Tank.

— Sou 100% do time Tank! — exclamou Lisa.

— O que vocês dois precisam 100% é se casarem logo, mas deixaremos isso para outro dia — retrucou Blackwell quando Chloe abriu a porta para nós, com um sorriso sincero no rosto.

— Barbara — disse Chloe ao entrarmos.

— Olá, como está? — perguntou Blackwell ao passar apressada por ela.

— Estou ótima — respondeu ela. — E muito feliz em ver você, Jennifer e Lisa.

Blackwell ergueu a sobrancelha para a bela loira de meia idade parada à nossa frente. — É mesmo, Chloe? Você está... feliz?

— Claro.

— Talvez eu devesse dizer de outra forma. A sua conta bancária está feliz em nos ver... ou é *você* quem está feliz?

— Barbara — disse eu.

— Não se dê ao trabalho de responder, Chloe... acho que todas nós sabemos a resposta — disse Blackwell. — Agora, suponho que você tenha algo em mente para essas duas?

— Sim, tenho.

— E suponho que pensou muito bem nessas coisas?

— Sim.

— Mais do que pensou em um ente querido à beira da morte? Como a sua mãe...?

— Eu...

— Não responda, é bizarro demais. Até mesmo para mim. Vejamos o que tem em mente, minha querida — disse Blackwell ao nos encaminharmos para o elevador que nos levaria à seção de vestidos de noite no terceiro andar. — E torça muito para ter acertado.

* * *

Quando as portas do elevador abriram, Blackwell olhou para o andar movimentado à sua frente e suspirou.

— Olhe só para isso — disse ela. — O público geral. E algumas dessas pessoas estão realmente olhando as etiquetas de preço, o que sugere algo ainda pior... estamos rodeados de *turistas*. É nojento. Deveríamos ter vindo antes que a loja abrisse.

— Se prefere voltar amanhã de manhã cedo, posso providenciar — disse Chloe. — A loja será toda sua.

— Não — respondeu Blackwell. — Estamos aqui. Vamos nos esgueirar por entre esse povo depravado e rançoso como já fizemos antes. Basta nos levar para um provador particular, servir um pouco de champanhe e conseguir um copo de gelo para mim. Depois, veremos o que escolheu para Jennifer e Lisa. Naturalmente, tenho algumas coisas em mente... mas vamos testar primeiro o que você tem em mente.

— Parece que estamos indo assistir a um enforcamento —— disse Lisa baixinho para mim.

— Eu ouvi, dona escritora — disse Blackwell. — Agora vamos. Estamos perdendo tempo, o que eu odeio. Vamos começar logo o espetáculo.

No provador, Chloe levou uma taça de champanhe para cada uma de nós e um copo cheio de gelo para Blackwell. Lisa e eu nos sentimos mal por Chloe e agradecemos profusamente. Blackwell colocou um cubo de gelo na boca, mordeu-o com força e tomou um gole de champanhe. E, quando fez isso, seu rosto se transformou em uma careta. — Está choca — disse ela. — Mande de volta, Chloe... tente de novo.

— Ah, não está choca — disse eu.

— É claro que está.

— Todas nós ouvimos a rolha estourar.

— Aquele estouro pode ter sido da morte da garrafa.

— Nesse caso, por que a sua taça está cheia de bolhas?

— São bolhas? Ou uma série de últimos suspiros?

Eu a ignorei e olhei para Chloe, que já parecia mortificada, apesar de saber exatamente com quem estava lidando. Afinal de contas, ela trabalhava com Blackwell havia anos e estava acostumada com aquele tipo de tratamento.

— O champanhe está ótimo, Chloe — disse eu. — Na verdade, está uma delícia.

— Diz a fazendeira do Maine... — retrucou Blackwell.

— Meu Deus, você é impossível.

— É claro que sou impossível. Se não fosse, não estaria aqui. — Ela olhou para Chloe e aprofundou a voz. — Traga os vestidos — disse ela. — Começaremos com o que você tem em mente para Lisa.

— É claro, Barbara — respondeu Chloe. Em seguida, ela passou por uma porta e desapareceu de vista, provavelmente para tomar um calmante bem forte.

— Pare de ser tão escrota — sussurrei para Blackwell.

— Ora, por favor... você adora! Além do mais, Chloe sabe que, em grande parte, estou só brincando. Então acalme-se.

— Ela estava ficando pálida — disse Lisa.

— Então talvez ela deva encontrar uma base mais adequada ao tom de pele dela.

— Eis minha primeira opção — disse Chloe ao voltar para o vestiário com um vestido vermelho-escuro pendurado cuidadosamente sobre os braços. Ela foi até o centro do vestiário, pendurou o vestido em um cabide para que fosse refletido pelos espelhos que o rodeavam e deu um passo atrás para que nós pudéssemos vê-lo melhor.

— Adorei — disse Lisa.

— Você adoraria o primeiro burrico a sair do celeiro — disse Blackwell ao se levantar. — Mas, tenho que admitir, é bonito. — O olhar dela encontrou o de Chloe. — Alexander McQueen?

— Sim, é.

— O vestido com busto cravejado de cristais?

— Isso mesmo.

— O que apareceu na *Vogue* deste mês?

— Ele mesmo. E é tão novo que somos o único estabelecimento da cidade que o recebeu.

— Que exagero!

— É verdade.

— Não posso deixar que Lisa ou Jennifer apareça com algo que alguma outra mulher esteja vestindo. Você sabe como isso é importante para mim.

— Eu sei, Barbara. É por isso que esta é minha primeira opção para Lisa.

— Ora, como você é esperta...

Blackwell andou em volta do vestido com a taça de champanhe na mão, admirando o desenho. — Decote em V — disse ela quase para si mesma. — Costas quadradas. Bainha gentilmente drapeada. Viscose. Silhueta longa, o que foi uma opção inteligente de sua parte, Chloe, pois Lisa sempre teve o tamanho perfeito para mim, algo que Jennifer nunca terá. Se couber, este vestido dará a Lisa uma bela silhueta.

— Eu tenho uma silhueta perfeitamente boa — disse Lisa.

— Você é uma vareta com seios e um ciclo menstrual — disse Blackwell. — E sabe disso. Então, experimente-o e nós avaliaremos o resultado. Enquanto isso, Chloe, por favor, traga os outros vestidos que tinha em mente para Lisa. Veremos como ela ficará neste, mas quero ver as outras opções.

— É claro — disse Chloe. — Já volto.

— E eu que achei que você estava prestes a fugir — disse Blackwell ao se sentar em um sofá, pestanejando várias vezes para mim.

— Pare com isso — disse eu.

— Nunca — respondeu ela. Em seguida, ela baixou a voz. — Deixe-me dizer isso mais uma vez, conheço Chloe há muito mais tempo do que conheço você, minha querida. E ela sabe que a maior parte disso é só teatro. Cada uma faz o seu papel. Tenho que me divertir um pouco. Ela corre feito uma louca de um lado para o outro e, no fim das contas, ganha muito dinheiro. E, no fim do dia, continuamos amigas. Portanto, acalme-se. Depois do inferno que os últimos dias foram para todos nesta cidade, este espetáculo é uma distração necessária.

* * *

— É maravilhoso — disse eu quando Lisa saiu da sala de troca e parou à nossa frente. — Olhe só como veste bem nela, Barbara... antes mesmo de fazer qualquer ajuste.

— É porque McQueen entende mulheres como Lisa — retrucou ela. — Mulheres magras que precisam de algum truque para parecerem lindas. Eu nunca vesti você com algo dele porque ele não entende esse seu traseiro nem suas curvas. Por outro lado, Valentino e Dior celebram o tipo de corpo que você tem e é por isso que geralmente eu a visto com eles. Mas Lisa foi feita para McQueen. Como se sente dentro dele, minha querida? — perguntou ela a Lisa.

Lisa parou em frente a um dos espelhos e virou-se de um lado para o outro. Ao fazer isso, um sorriso lento começou a se espalhar em seu rosto, o que me deixou feliz. Eu amava a minha melhor amiga e vê-la feliz naquele momento me deixou muito contente por ela.

— Eu meio que entendo — comentou ela. — Quero dizer, eu entendo... ele precisa ser mais estreito na cintura e abrir na altura do busto. Mas este vestido é perfeito. Gosto especialmente da forma como o vermelho destaca meus cabelos loiros. Mas você já tinha pensado nisso, não é, Chloe?

— Eu tinha isso em mente, sim — respondeu ela.

— Então, para mim é isso — disse Lisa. — É este mesmo.

— Mas nem viu os outros vestidos que Chloe escolheu para você — exclamou Blackwell.

— Chloe teve um motivo para escolher este vestido como primeira opção — disse ela. — E é um motivo bem claro. Não preciso ver os outros. — Ela se virou na frente do espelho novamente. — Pois já sei que Tank vai se apaixonar por mim de novo ao me ver assim.

— Então nós o levaremos — disse Blackwell. — Especialmente se ele ajudar a levar vocês dois ao altar.

* * *

Quando chegou a minha vez, Blackwell nem perguntou a Chloe o que ela tinha em mente e apenas disse: — Sei que foi lançado há poucas semanas, mas espero que, em se tratando de Jennifer, você tenha o novo vestido de tule cor de champanhe de Carolina Herrera. Pelo que vi nas fotos, é um trabalho de arte. Acredito que você concorde com isso.

— Sim, concordo, ele é incrível.

— Então não parta meu coração, Chloe. Diga-me que o tem. E, se tiver,

diga-me quantos já vendeu.

— Nós o temos — respondeu ela — Mas só recebemos um. Apesar de ter certeza de que o vestido McQueen de Lisa é exclusivamente nosso, deixe-me avisar: não sei se outras lojas têm este vestido em particular. — Ela deu de ombros para Blackwell. — E ele custa mais de cinquenta mil dólares. Mesmo nesta cidade, não há muitas pessoas dispostas a comprar um vestido por esse preço. Portanto, as chances são de que apenas Jennifer o estará usando.

— Há muitas pessoas nesta cidade com dinheiro, Chloe — respondeu Blackwell. — Cinquenta mil não é nada para elas.

— Mas elas aparecerão na mesma festa com o mesmo vestido? Não é essa a preocupação principal?

— Parte dela. O que me preocupa mais é que Jennifer seja fotografada nele primeiro. Portanto, diga-me, você viu alguém com este vestido nas revistas? Na internet? Eu vasculho os tabloides só por causa disso. Sei que você também. Mas ainda não vi ninguém com ele, o que não é incomum já que o vestido é tão novo. Você viu?

— Não vi.

— Alguém telefonou ou veio aqui perguntando sobre ele?

— Não que eu saiba, mas posso descobrir.

— Faremos isso depois — disse Blackwell. — Depois de vermos o vestido pessoalmente e decidir se ele serve para Jennifer... pois *isso* que é importante. Portanto, por favor, leve Jennifer com você. Não quero ver o vestido primeiro. Só quero vê-lo nela e, com sorte, ficar maravilhada. Leve-a e coloque o vestido nela. — Ela colocou outro cubo de gelo na boca e mordeu com tanta força que pareciam ossos quebrando.

— E, depois, traga-a para mim.

* * *

Quando saí do aposento de trás e voltei para o vestiário privado com Chloe, que a essas alturas já me vira só de roupas íntimas tantas vezes que me vestir na frente dela era como me vestir em frente a Lisa ou Blackwell, Bárbara soltou uma exclamação e levantou-se do sofá.

— Ora — disse Blackwell. — Ora, ora, ora. Herrera não decepcionou nem um pouco. Minha nossa, olhe só para isso, Jennifer. É divino além da lua.

— Essa é nova — comentei.

— Aceite. Agora, vire-se.

Virei-me na frente dos muitos espelhos à minha volta. E tive que admitir que aquele vestido fazia com que eu me sentisse uma princesa. Provavelmente fora feito para isso. Tudo nele sugeria "Cinderela".

— Amei, amei, amei! — exclamou Lisa.

— Mesmo? — perguntei a ela. — Não é demais? Sinto como se fadinhas devessem estar à minha volta com agulhas e linha.

— Está brincando? Ele é fabuloso e vale cada centavo!

— Não estou muito certa sobre o custo — comentei. — Mas devo admitir que ele é maravilhoso. Adorei especialmente como ele realça a cor dos meus cabelos.

— Por favor — disse Blackwell. — Sobre o custo... você tem ideia de quanto trabalho foi colocado nesse vestido? Só os bordados feitos à mão em volta do busto e as mangas provavelmente levaram um mês, se não mais. Ele é uma obra de arte.

Ela colocou as mãos nos meus ombros, virando-me para a esquerda e depois para a direita enquanto me estudava nos espelhos à nossa frente. — *J'adore* as mangas longas ilusórias. E as costas. E o bordado... é sublime. Na verdade, é para isso que eu vivo! Vire-se para nós.

Virei-me e o vestido esvoaçou à minha volta.

— De novo! — pediu Lisa.

Com uma risada, virei-me de novo.

— Você é uma rainha — disse Blackwell. — Ninguém chegará nem perto de você com este vestido. — Ela olhou para Chloe. — Vamos levar os dois. Depois, naturalmente, teremos que encontrar as roupas íntimas e os sapatos adequados. Está preparada para nos ajudar com isso ou tem outras clientes esperando?

— Estou aqui para vocês, como sempre estou, Barbara.

— Garota esperta — comentou Blackwell. — Mas precisamos que os vestidos sejam ajustados até a manhã de sábado. Consegue fazer isso para nós?

— Sim, consigo.

— E eles serão entregues a Jennifer e a Lisa a tempo?

— Serão, só precisamos fazer alguns ajustes. E, veja só, reservei uma costureira especialmente para vocês hoje.

— Especialmente para nós...? — perguntou Blackwell.

— Isso mesmo.

— Então preciso aplaudir você, Chloe... muito bem.

Ela se virou para Lisa e eu. — Muito bem, garotas, vamos até a costureira. Depois disso, serão os sapatos e as roupas íntimas. E então iremos à Van Cleef! Se realmente quiserem ganhar a noite, precisam de um conjunto novo de diamantes nas orelhas, nos pulsos, nos dedos e no pescoço!

— Diamantes? — perguntou Lisa. — Na Van Cleef? Está falando sério? Não tenho como pagar os diamantes e o vestido!

— Por favor. Não faz muito tempo, você assinou um adiantamento de cinco milhões de dólares com a Wenn Publishing, então pare de bobagem. Está na hora de se livrar de um pouco do seu dinheiro, querida, e estou ordenando que faça isso agora.

— Mas Tank ficará furioso se eu gastar tanto assim!

— Ah, não, ele não vai. — Blackwell andou até Lisa e pegou as mãos dela. Lisa se levantou para encará-la. — Porque, veja bem, quando Tank a vir com aquele vestido e as joias que encontraremos para você hoje ainda, e especialmente depois que Bernie fizer a mágica dele, Tank ficará de quatro, minha querida.

— Não acho que isso seja possível.

— Então você não conhece os homens. Faz algum tempo desde que vocês dois foram a um evento grande como esse, não faz?

— Alguns meses...

— E, durante esse tempo, Tank teve o prazer de ver você totalmente arrumada?

— Infelizmente, não. Estou sempre trabalhando. Iris está sempre estalando o chicote.

— Então está na hora de lembrar Tank no que você pode se transformar com o poder da costura, das joias e de um bom estilista. Você viu o que eu fiz por Jennifer repetidamente nos últimos anos. Também viu o que fiz por você quando ainda se importava. Claro, admito que o dia de hoje vai lhe custar muito caro. Mas, como todos nós estamos esperando que você e Tank se casem, precisa confiar em mim. Quando ele a vir depois que Bernie e eu terminarmos, quando se lembrar de como você fica sensual e linda com os toques certos, aqueles sinos de casamento começarão a tocar muito mais cedo que podemos imaginar. Inclusive você, minha querida. Inclusive você...

CAPÍTULO 6

Enquanto Jennifer e Lisa faziam compras com Blackwell, Gia e Carlo se preparavam para uma videoconferência com Stephen Rowe. Ele tinha acabado de enviar uma mensagem para o TracFone de Gia dizendo que falaria com eles em dez minutos.

— Precisamos conversar — dissera ele na mensagem.

Mas não dissera mais nada.

— Parece interessante — disse Gia quando foram para o segundo andar onde ficava a sala de mídia.

— Na verdade, pode ser agora — disse Carlo. — Talvez ele nos dê uma data de quando os Wenns aparecerão em público novamente.

— Vamos torcer, pois não só quero deixar isso tudo para trás, como também temos um depósito esperando Jones — disse Gia ao se sentar em frente ao computador com o irmão. — E, graças a Deus, Mario conseguiu resolver isso.

Ela acenou com a cabeça para o computador. — Ligue-o — disse ela. — Vejamos o que Rowe tem a dizer. Se isso tiver a ver com os Wenns e for um evento que acontecerá sem que haja tempo de fazer tudo de forma segura, nós recusaremos e diremos a ele que precisamos de pelo menos três dias. Se ele discordar, ameaçaremos ir embora. Se ele exigir que façamos, vamos embora. Porque também não quero ir para a prisão por causa dele, Carlo.

— É bom saber.

Depois que Carlo ligou o iMac, abriu um navegador seguro e digitou um código numérico, demorou apenas um momento para que o rosto de Rowe surgisse na tela. Ele não usava camiseta, os cabelos escuros crespos estavam úmidos e desgrenhados, o rosto estava brilhando de suor e ele estava muito mais bronzeado do que na última vez em que o tinham visto.

Onde ele está? perguntou-se Gia. *Em um barco? Em algum lugar dos trópicos? Onde ele desapareceu e quem o levou para onde está agora...?*

Apesar de estar curiosa sobre quem o ajudara, Gia já sabia que nunca descobriria. E, sinceramente, apesar da curiosidade, ela não se importava. Rowe era tão bem conectado que a pessoa que o ajudara naquele momento de

necessidade provavelmente era alguém que lhe devia um favor muito grande e tinha poder suficiente para conseguir.

Ele sorriu para os dois, o que Gia achou estranho. Desde quando aquele filho da puta sorria para eles?

— Gia — disse Rowe. — Carlo.

— Stephen — responderam eles.

— Recebi uma notícia.

— Mal posso esperar para ouvir — disse Gia.

Ele passou um dedo sob o nariz e ajeitou-se na cadeira. Gia o observou fazendo aquilo. Os dedos da mão esquerda dele tremiam ligeiramente.

Por causa da empolgação?

— Os Wenns participarão de um evento no sábado à noite, às oito horas — disse ele.

Apesar de Gia manter as feições neutras, ela teve que reprimir um suspiro de alívio. Até o sábado, seriam quatro dias. Isso daria a ela e a Carlo tempo suficiente para planejar tudo, além de planejar o que fazer com Jones.

— Qual é o evento? — perguntou Carlo.

Rowe ergueu as mãos em direção à tela. — É um daqueles eventos de arrecadação de fundos de Kate Stone — disse ele com as sobrancelhas erguidas. — Vocês dois já ouviram falar de Kate?

— Eu não — respondeu Carlo.

Por que ele está tão animado? pensou Gia. *Ele nunca se comporta assim...*

— Acho que sim — disse ela. — Mas não consigo ligar o nome à pessoa.

— Digamos apenas que é um belo rosto — disse Rowe. — Pois Kate Stone é uma pessoa preciosa. Não que isso importe, mas é verdade. O caso é o seguinte: darei a vocês uma última chance de matar os Wenns. Vocês estragaram tudo na última vez e esta será sua segunda e última chance, o que devo dizer que é muito generoso da minha parte, considerando a forma como me decepcionaram no evento dos Witherhouses. Neste sábado, vocês acabarão com a vida dos Wenns logo depois de matar Janice Jones.

— Nossa última chance? — perguntou Carlo.

— Isso mesmo, Carlo, sua última chance. Porque, se quiserem o meu dinheiro, isso acabará no sábado. Quero terminar logo com isso... como se fosse algum segredo. E, neste sábado, o vencedor fica com tudo. Ou vocês acabam com isso no sábado ou estarão fora da folha de pagamento. Portanto, meu conselho é que consigam.

— Espere um minuto — disse Gia. — Espere um pouco. Do que está

falando? Esta é a primeira vez que ouço falar em você nos dar uma última chance. E o que acabou de nos dizer não é nada. De que evento de arrecadação de fundos está falando? Talvez eu tenha ouvido o nome dela, mas quem diabos é Kate Stone?

— Em resumo, eis o que precisam saber — disse Rowe. — Kate era casada com Michael Stone, um gênio da computação que valia bilhões porque sabia coisas sobre softwares de criptografia que deixou o mundo dos negócios em polvorosa. Ele foi assassinado por motivos que não vou contar a vocês agora. Basta procurar essa merda no Google se quiserem os detalhes sórdidos. O que importa é que Kate herdou os bilhões dele. Sendo a pessoa boa que ela é, e provavelmente porque estava procurando um paraíso fiscal, ela criou a Fundação Stone, que tem um jantar de gala todo ano para apoiar os menos favorecidos. Não é uma atitude doce da parte dela? O evento deste ano será no sábado. E hoje descobri que os Wenns estarão lá.

— Tem certeza disso? — perguntou Gia.

— Não estaríamos tendo esta conversa se eu não tivesse certeza, Gia. E, antes que perguntem onde fica a fundação, não percam tempo. Descubram vocês mesmo. Neste momento, estou prestes a ir mergulhar. Mas, antes disso, quero saber qual é a situação com Janice.

Gia contou a ele exatamente qual era a situação. — Como sabe, nós a seguimos nos últimos três dias. Depois da notícia que nos eu, Carlo e eu teremos que pegá-la de manhã, pois é a única parte do dia que ela parece estar sozinha, com exceção da corrida no começo da noite. Mas não podemos pegá-la no começo da noite, pois estaremos concentrados nos Wenns. Portanto, teremos que resolver o caso dela de manhã.

— O que pretendem fazer com ela? — perguntou Rowe.

— Vamos matá-la — respondeu Carlo.

— É mesmo, Carlo? Vocês vão matá-la? Que surpresa.

Carlo não disse nada, mas Gia sentiu quando ele ficou tenso ao seu lado.

— Diga-me, Carlo, você passou da sexta série? Porque, para mim, o fato de que pretendem matá-la é bem óbvio.

Antes que o irmão pudesse responder, Gia disse: — Alugamos um depósito. Pretendemos emboscá-la quando estiver a caminho da academia, levá-la para o depósito e botar uma bala no cérebro dela. Limpo e simples.

Os olhos de Rowe brilharam de raiva quando ela disse aquilo. — É isso? — perguntou ele. — Estão de sacanagem comigo? Depois do que aquela vadia fez comigo, acha mesmo que o que quero é uma morte rápida? Eu já disse a

vocês que, em se tratando de Jones, *especialmente* em se tratando dela, a morte deve ser épica. Esqueceram disso? Acharam que talvez *eu* tivesse me esquecido disso para que *vocês* pudessem se safar com tanta facilidade? Janice não merece nada limpo e simples, Gia — disse Rowe, com a voz cada vez mais furiosa. — Ela merece algo pior, muito pior. Ela deveria ser esquartejada, pelo amor de Deus.

— Esquartejada — repetiu Gia. — Está falando sério?

— Quase — respondeu ele. — Eu disse a vocês, desde o começo, que queria que ela tivesse uma morte épica. Na verdade, acredito que a terminologia que usei foi "épica do tipo *New York Times*", pois quero que a forma como ela morrerá reflita a profundidade da traição dela. Portanto, digam-me. Além de uma mera bala no cérebro, de que outra forma ela poderia morrer? Como vocês *realmente* podem fazer com que ela sofra?

— Podemos cortar a garganta dela — disse Carlo. — Podemos fazer isso de forma que demore bastante para que ela morra. Se quiser que ela sofra, acredite, sofrerá se fizermos isso.

— Não é suficiente — disse Rowe. — Portanto, agora precisam me escutar, pois tenho uma proposta para cada um de vocês.

— Que proposta?

— *Eu* quero ser a pessoa que vai matá-la.

— Você *o quê*? — perguntou Gia.

— Você me ouviu.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Nem pensar.

— Por quê? Vocês já me disseram que há um depósito à espera dela. Suponho que vocês o escolheram por causa da privacidade que ele oferece. Por que não posso esperar lá dentro até vocês chegarem com ela? Por que não podem tirá-la do carro e amarrá-la a uma cadeira para que *eu* a mate? Vocês dois sabem o que ela fez comigo. De todas as mortes, a dela é a que mais importa para mim. Éramos amantes, pelo amor de Deus. Dei tudo a ela: dinheiro, um apartamento de vários milhões de dólares, joias e um estilo de vida que nunca teria imaginado. Mas, apesar de tudo isso, ela ainda me jogou na frente de um caminhão ao optar por dar aquela coletiva de imprensa, que foi projetada para me destruir. Vocês precisam entender como isso me afetou. Estive pensando nisso nos últimos dias e, com a sua ajuda, decidi que eu quero matá-la. Quero ser a pessoa que cortará a garganta dela. — Ele pausou por um momento. — E estou disposto a pagar o dobro por ela se deixarem isso acontecer.

Gia olhou para Carlo, que a encarou de volta.

— Você nos pagaria quatro milhões para isso? — perguntou Carlo.

— Pagaria.

— Além do que já está nos pagando pelos Wenns?

— Isso mesmo. E, depois que Janice estiver morta, sairei de Nova Iorque tão depressa que ninguém saberá que estive aí. Depois, vocês podem lidar com os Wenns à noite sem nenhuma interferência minha. A morte deles significa muito para mim, mas não tanto quanto a de Janice. A morte dela é uma questão tão pessoal para mim que nem consigo explicar. Portanto, por favor, deixem que eu a mate.

— Isso não era parte do nosso acordo, Stephen — disse Gia. — Você não pode mudar as regras no último minuto. Não é assim que funciona. Não é assim que *nós* trabalhamos. E não foi isso que acordamos.

— Gia, quanto do seu plano eu mudei? — perguntou ele. — Só o que estou pedindo é que deixe que *eu* esteja naquele depósito antes que vocês a tirem da rua, o que já planejam fazer, e deem-me o prazer de matá-la. Pelo que entendi, a morte dela acontecerá em um lugar onde ninguém verá, portanto, onde está o risco? Escutem por um momento. Antes que ela morra, quero ser a pessoa olhando em seus olhos e dizendo por que isso está acontecendo... por que *eu* a estou matando. Quero que ela escute tudo dos *meus* lábios, não dos seus. Estou oferecendo quatro milhões de dólares para que me deem o prazer de matar Janice. E estou disposto a transferir todo esse dinheiro para a sua conta bancária agora mesmo se me deixar fazer isso.

Quando Carlo encostou no braço dela, Gia soube que precisavam de um momento sozinhos.

— Dê-nos dez minutos para discutir o assunto — disse Gia. — Ligaremos de volta.

Rowe abriu a boca para responder, mas ela interrompeu a conexão... e ele desapareceu.

* * *

— Não podemos fazer nenhuma merda — disse Gia ao irmão. — É importante demais. Acontecerá muita coisa neste dia. O que você acha?

— Não sei, Gia... talvez quatro milhões sejam melhor do que dois?

— Estou falando sério.

— Eu também.

— Carlo...

Ele deu de ombros. — Que tal se respirarmos fundo e discutirmos os detalhes? — perguntou ele. — Vamos ver os prós e os contras. Temos um depósito. Nós dois sabemos que podemos colocar Rowe dentro dele sem problema nenhum. Com isso dito, nada disso muda o quanto será fácil ou difícil colocar Jones dentro do carro. Dará tudo certo ou não, mas nada disso o envolve. Na verdade, nada do que ele está propondo muda alguma coisa, exceto pela pessoa que a matará. Eu entendo, ele quer jogar na cara dela. Provavelmente ele quer dar uns tapas na cara dela também, mas não importa, deixe que faça isso. Além do fato de que teremos que lidar com ele pessoalmente, não vejo como isso muda alguma coisa. De fato, se conseguirmos pressioná-lo a transferir o dinheiro na próxima hora, o que nos dará a chance de passar para outra conta bancária para que ele não possa recuperá-lo, acho que é uma manobra comercial inteligente. Diga-me se estou errado.

— Aí é que está — disse ela. — Não posso. Mas deixe-me perguntar uma coisa. Você percebeu algo estranho nele agora há pouco?

— No começo, ele pareceu um pouco agitado, mas provavelmente é porque não sabia com certeza como responderíamos ao pedido dele. Ele parecia nervoso, mas, em retrospecto, isso agora faz sentido. Ele não sabia como reagiríamos. Afinal de contas, o que ele propôs não foi o mesmo com que concordamos no início.

— Não sei, não, Carlo. Eu prefiro terminar isso sem ele.

— São quatro milhões de dólares, Gia.

Ela olhou para ele por um momento. Em seguida, deu de ombros.

E assim foi.

— Então, vamos fazer? — perguntou ela.

— Não vejo problema nenhum... e não é só por causa do dinheiro. É porque não consigo ver como ele conseguiria estragar as coisas para nós. Pense no que ele quer por um minuto. Nós o colocamos no depósito, entregamos Jones, ele tem seu chilique sobre como ela o enganou e traiu, e mata a garota. Quando tudo acabar, o cara pode entrar em um avião, sair de Nova Iorque e ficar tranquilo pelo resto da vida.

Ela ponderou aquilo por um momento, imaginando tudo o que poderia dar errado e, por fim, cedeu. — Está bem — disse ela. — Ligue de novo para ele.

Quando ligaram para ele, sacramentaram o acordo.

— Entraremos em contato com você na quinta-feira — disse Gia. — Daremos todos os detalhes sobre onde e quando nos encontrará no sábado. Venha sozinho. E traga uma muda de roupa limpa porque, se pretende cortar a garganta dela, há uma boa chance de atingir uma artéria. Se isso acontecer, prepare-se para ficar coberto com o sangue dela. Como isso é uma boa possibilidade, não podemos deixar que saia do depósito parecendo que acabou de matar alguém. O depósito tem um banheiro e uma pia grande. E você o usará se for preciso. Estamos de acordo sobre isso?

— Sim, estamos. E obrigado, Gia. Obrigado, Carlo.

— Basta transferir o dinheiro, Stephen. Não iremos adiante se o dinheiro não estiver na nossa conta dentro da próxima hora.

— Vou cuidar disso.

Mais tarde, quando verificaram a conta, o dinheiro estava lá.

CAPÍTULO 7

Ao sairmos da Van Cleef carregando sacolas depois de uma tarde cheia de ajustes e compras, perguntei a Blackwell e a Lisa se gostariam de tomar um martíni comigo.

— Como se precisasse perguntar — respondeu Lisa. — Estou dentro.

— Sempre posso contar com você, minha amiga do martíni — disse eu. — Barbara?

— Detesto calorias à tarde... como vocês também deveriam odiar. Você teve uma semana terrível, Jennifer, vá e aproveite. Vá e divirta-se com sua, ahm, amiga incomum.

— Incomum? — perguntou Lisa.

— Qualquer um que escreve sobre os mortos-vivos deve ser peculiar — respondeu Blackwell. — E não me desafie sobre isso, garota, pois perderá.

— Que seja, Bertha.

— Você é uma garota horrível — disse Blackwell. Em seguida, ela beijou os dois lados do rosto de Lisa e abraçou-a com carinho. — Obrigada por ter vindo hoje — disse ela no ouvido de Lisa. — Obrigada por estar sempre ao lado de Jennifer.

— Como se eu não fosse ficar — retrucou Lisa. — Também amo você, Bertha.

— Se ama mesmo — disse Blackwell ao se afastar de Lisa —, torne minha inspiração para *esse* personagem em particular no seu livro algo épico.

— Fechado.

— Agora — disse Blackwell, depois de me abraçar e beijar meu rosto. — Aonde vocês duas vão para tomar os coquetéis?

— Eu estava pensando em ir ao St. Regis — respondi. — Fica a poucos quarteirões daqui. O que você acha, Lisa?

— Basta me levar até a porta de algum lugar que tenha martíni.

— Foi o que pensei. — Olhei para Blackwell. — Iremos ao St. Regis. E chegaremos em casa muito antes de Alex e Tank.

— Que donas de casa perfeitas...

Antes que tivéssemos a oportunidade de retrucar, ela ergueu a mão. — É tão fácil provocar vocês. Não sabem aceitar uma brincadeira?

— Esse é o problema — disse Lisa. — Às vezes, é difícil saber quando você está brincando.

— Por isso o meu charme e a minha influência — respondeu Blackwell ao

afastar os cabelos do rosto. Ela acenou com a cabeça para as sacolas que tínhamos nas mãos. — Cutter está nos esperando lá fora. Ele pode deixar vocês no St. Regis e depois deixar-me na Wenn. Entregarei as joias para Alex e Tank para que as levem para casa. Que tal?

— Por que tenho a sensação de que é só uma desculpa para que você experimente meus brincos, meu colar e minha pulseira de diamantes?

— Sério? — perguntou Blackwell. — De verdade? Você só gastou meros cem mil lá.

— Meros?

— Isso mesmo, meros. Portanto, por favor, não se preocupe com seus badulaques, pois não tenho interesse nenhum em seu novo conjunto de joias pobres.

— Pobres? — perguntou Lisa.

— Você mal chega a esse nível. Portanto, vou perguntar de novo. Querem que eu tire as sacolas de suas mãos?

— Por mim, sim — respondi.

— Não tente me roubar, moça — disse Lisa.

— Haha! — retrucou Blackwell. — Bertha conhece algumas joias, querida, e, por mais bonitas que sejam, ela tem interesse zero nas suas.

* * *

O St. Regis ficava na esquina da Quinta Avenida com a Fifty-Fifth Street e havia muito fora considerado um dos melhores hotéis de luxo em Manhattan, com um dos bares mais renomados da cidade. Portanto, quando chegamos, fomos diretamente para o bar em questão.

Era pouco antes de quatro horas da tarde, mas, ao nos aproximarmos, percebi que o bar estava mais movimentado do que eu esperara. Talvez houvesse alguma convenção acontecendo na cidade. Mas, não importava o motivo, até mesmo aquela multidão não era nada em comparação ao que viria. Mais tarde, eu sabia, por experiência, que o lugar ficaria tão cheio como sempre. O King Cole Bar era conhecido como o lugar natal da bebida Bloody Mary, mas, além disso, era conhecido como um lugar onde homens e mulheres de negócios se encontravam durante a tarde para fechar negócios ou formar novos relacionamentos que levariam a novos negócios.

O que provavelmente era o que eu via naquele momento...

— Como tivemos essa sorte toda? — perguntou Lisa ao andarmos na direção dos bancos centrais com vista para a assinatura do St. Regis, o famoso mural *King Cole* de Maxfield Parrish, de 1906. Ele tinha a largura do bar e era magnífico. — Estes bancos são os melhores. Será que alguém foi ao banheiro? Se foi... que pena! Vamos nos sentar aqui.

Depois de nos sentarmos, olhei em volta, vendo uma infinidade de rostos familiares e desconhecidos. Sorri e acenei com a cabeça para alguns ao colocar a bolsa no colo. Um garçom bonito, com trinta e poucos anos, se aproximou de nós com dois martínis, um com três azeitonas para Lisa e um com um toque especial para mim.

— Aqui estão, senhoras — disse ele ao colocar as bebidas à nossa frente. — Com os comprimentos do sr. Wenn, que pediu a dizer que ama as duas e que espera que gostem da melhor vista do mural.

— Alex fez isso? — perguntei.

— A gerência recebeu um telefonema dele há alguns minutos, sra. Wenn. Ficamos muito felizes em garantir que tivessem os melhores lugares da casa.

— Você quer dizer que tirou pessoas destes lugares por nossa causa?

Ele não respondeu.

— Ai, meu Deus... — disse eu.

Lisa olhou para mim. — Olhe, é o que é, portanto, supere. O que quero saber é como Alex sabia que viríamos aqui.

— Blackwell — respondi. — Ela deve ter contado a ele. Provavelmente enviou uma mensagem ou algo assim. E agora temos isto.

— Bem? Que bom para nós — retrucou Lisa. — Meu Deus, eu amo Alex.

— Nós duas, querida. Alex é assim e é o que ele faz.

Olhei para o garçom. — Obrigada por tudo o que fez — disse eu.

— O prazer é nosso, sra. Wenn.

Ele estava prestes a se afastar quando hesitou e olhou para Lisa. — Posso ter problemas por dizer isso — disse ele. — Somos orientados a não reconhecer celebridades. Mas, o mais depressa possível, tenho que lhe dizer que sou um grande fã de seus livros, srta. Ward. Obrigado por escrevê-los.

— Ah — disse Lisa, claramente abalada por ter sido reconhecida por ele. — Ora, obrigada por ler meus livros.

— Você se importa se eu perguntar quando o próximo será lançado?

— Claro que não. Na verdade, estou encantada por você querer saber. Está programado para o outono. Estou no processo de terminá-lo.

— Então terei algo incrível a esperar — respondeu ele. — Agora, por favor, desfrutem das bebidas e obrigado por escolher o St. Regis.

Quando ele se afastou, ergui meu copo em um brinde. — Você é uma celebridade — disse eu.

— Claro que não sou uma celebridade.

— Claro que é. Acredito que houve um momento em que você cobriu boa parte da Times Square. E, neste outono, estará lá novamente.. Portanto, supere. Brinde comigo. Estou tão orgulhosa de você, Lisa. Olhe como chegamos longe... três anos e ainda é surreal.

— O caso é o seguinte — disse ela. — Estou totalmente a fim de brindar ao surreal. Depois de tudo pelo que você e eu passamos desde que chegamos a esta cidade, "surreal" não chega nem perto de nos definir. Portanto, um brinde, querida.

Brindamos e bebemos.

— Suave como seda — comentou Lisa. — E o meu está perfeito!

— Você sempre gostou de perfeição — comentei.

Ela ergueu a mão. — Em se tratando dos meus martínis, culpada.

— E, apesar do seu sucesso, você nunca mudou.

— Nem você. E acho justo dizer que o seu sucesso é um pouco maior do que o meu.

— Não, não é — respondi. — Meu sucesso está atrelado ao sucesso do meu marido. Não é a mesma coisa. Você conseguiu o sucesso sozinha. E fico feliz por poder dizer isso. De verdade. Eu amo você, querida.

— Melhores amigas para a vida inteira — disse Lisa.

— Para dizer o mínimo.

— Não acredito que Alex conseguiu estes lugares e mandou estas bebidas tão depressa. Ele é super-humano.

— Tive sorte quando conheci aquele homem — disse eu. — O amor completo da minha vida... e este é só mais um dos motivos.

— Ao seu casamento — disse Lisa ao erguer a taça.

— Ao meu casamento — disse eu ao beber. Em seguida, eu a encarei. — Então... — comecei. — Já faz um tempo. E você não pode continuar se desviando da minha pergunta, Lisa. Quando você e Tank vão se casar? Já perguntei uma dúzia de vezes e você sempre acha uma forma de escapar de responder. Qual é o problema?

Ela suspirou. — Eu não sei — respondeu ela.

— Sim, sabe.

— Está bem, eu sei. Olhe, o último Natal foi um desastre. Eu não pude ficar com você e todo mundo porque Tank e eu estávamos com os pais dele em Nebraska. E acredite em mim, Jennifer, eu *não* fui o máximo com eles. Na verdade, tenho quase certeza de que eu fui demais para aqueles dois ultraconservadores, apesar de ter me contido por causa deles. Mesmo aquela versão minha era como se estivesse olhando para o poço do inferno na visão deles.

— E daí? — perguntei. — Tank tem duas opções: ficar com você e casar, ou não. Qual é a opção dele?

— O problema não é Tank — respondeu ela. — Sou eu. Eu não lhe contei, mas ele queria fugir para nos casarmos no momento em que voltamos para casa depois da visita aos pais dele. Ele estava furioso com a recepção fria que eles me deram. Ele queria encerrar o assunto naquela época.

— Mas isso foi há três meses... por que não me contou?

— Porque fiquei em conflito com tudo aquilo — respondeu ela. — Ele ainda me pressiona para nos casarmos. Mas como seriam as coisas se os pais dele não aceitam? Para mim, é uma decepção total. Eles me veem como essa mulher esquisita que escreve sobre zumbis. E, como são cristãos devotos, não conseguem entender como o único filho se apaixonou por *esta* mulher. Tank não dá a mínima, mas eu sim. Quero que me aceitem antes que eu me case com Tank. Quero que eles torçam por nós.

— Lisa, odeio ter que lhe dizer isso, mas não pode esperar que façam isso. Também não pode desistir da sua felicidade por causa dos preconceitos deles.

— É o que Tank diz — comentou ela. — Mas eu sei que ele acha os pais o máximo. Onde isso me coloca? Eu lhe direi onde. Sou a pessoa com quem o filho deles *não* deveria se casar.

— Por causa dos livros que escreve?

— Sim!

Peguei a mão dela quando Lisa disse aquilo e apertei-a de leve. — Eles leram os seus livros? — perguntei.

— Duvido muito.

— Então o problema é deles. Pois a história subjacente de seus livros não é apenas a perda da humanidade. Para os personagens que não viraram zumbis, seus livros também tratam de se agarrar à fé religiosa. E vai além disso. Alguns dos que viram zumbis lutam com a fé. Você escreve sobre isso de tal forma que é como uma metáfora para o que está acontecendo hoje em nossa cultura. Se lessem seus livros, veriam isso.

— Eles não lerão meus livros em nenhum futuro próximo, Jennifer.

— Então que se danem — retruquei. — Você não tem como alterar mentes que se recusam a mudar. Nós duas sabemos disso. Tank sabe disso... e é por isso que a pressiona para que se case com ele. Portanto, case com ele, pelo amor de Deus.

Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Eu não esperava que nossa escapada para Martiniville se transformaria nisso.

— Bom, aconteceu. E vou parar por aqui porque não quero contribuir para a sua angústia, exceto pelo que vou dizer agora. Lá vou eu. Lisa, você sabe que a vida é finita. Descobri isso há poucos dias, quando Alex e eu quase fomos mortos por terroristas, que mataram e feriram muitos de nossos amigos, bem como pessoas que não conhecíamos. Depois disso, e escute bem, por favor, quer terminar seus dias arrependida por não ter se casado com Tank por causa da forma como os pais dele a veem? Ora, por favor! A vida é efêmera. Depois do que aconteceu naquela noite com aquelas pessoas, posso lhe dizer isso com certeza. Portanto, que se dane o que os pais dele pensam. Você precisa pensar na sua felicidade. E na felicidade de Tank. O fato de ele estar pressionando você depois do Natal com os pais dele me diz tudo. Ele não dá a mínima para o que eles pensam. E você também não deveria. Você precisa reavaliar isso com seriedade.

— Como eu disse antes, eu e você não nos encontramos o suficiente — disse ela.

Ao dizer aquilo, os olhos dela brilharam. Percebi que minha melhor amiga tinha um conflito que eu nem sabia que existia. E isso quase me destruiu.

— Nossa vida mudou muito nos últimos anos, mas isso não quer dizer que não podemos voltar no tempo — respondi. — Precisamos começar a conversar mais. Precisamos começar a encontrar tempo para ficarmos juntas mais do que tem acontecido. Sim, a vida está insana para nós duas no momento, mas precisamos recuperar isso. Eu não tinha ideia de que você estava se sentindo assim. Você precisa saber que sempre pode me procurar.

— Mas você está sempre tão ocupada.

— Nunca estou tão ocupada assim. E, juro por Deus, nunca estarei ocupada demais para você. Só o que você precisa fazer é me mandar uma mensagem ou telefonar... e estarei lá. Isso sempre será verdade para mim e espero que seja para você também. Pode confiar, eu também estou passando por momentos de merda que não contei a você.

Ela franziu as sobrancelhas. — Que merda?

— Não consigo engravidar.

— Mas você vai... tem que acreditar nisso.

— Estou tentando — respondi. — Mas, tenho que lhe dizer, Lisa, parece impossível.

À medida que o tempo passava, conversamos sobre minhas preocupações. Lisa escutou e tentou acalmar meus medos, e foi uma sensação ótima ter minha melhor amiga ao meu lado. Eu via Blackwell todos os dias, mas Lisa, que era minha melhor amiga desde que conseguia me lembrar, talvez nos víssemos uma vez por semana e geralmente em um jantar com Alex e Tank. Nessas ocasiões, eu não podia me abrir como estava fazendo com ela naquele momento. Isso precisava parar. Precisávamos deixar a carreira de lado e achar tempo para nós. Senti vergonha por ter me deixado ser sugada para o mundo da Wenn e negligenciado minha amiga. E eu sabia, pelo que Lisa dissera, que ela sentia o mesmo sobre o hábito de se esconder no escritório para escrever seus livros.

— Então, está combinado — disse eu. — Duas vezes por semana, nós almoçaremos juntas. Só você e eu, ninguém mais.

— Combinado — respondeu ela. — Sinto muito a sua falta.

— Também sinto sua falta.

— Ótimo. Então, vamos dar uma olhada na verdade — disse ela. — Há três anos, entramos no meu carro, Gretta, a Jetta, e saímos do Maine para virmos para cá fazer algo com nossa vida. Eu diria que, a essas alturas, conseguimos. Mas nossa vida não pode ser só sobre carreira, Jennifer. Não pode. Precisamos achar tempo para nós de novo. E faremos isso.

Ergui a taça para brindar com ela naquele momento, mas percebi que estava vazia... bem como a dela.

— Droga — disse eu.

— Aqui estão, senhoras — disse o garçom ao se aproximar com dois martínis. — Estes são de Tank.

— Ai, meu Deus — disse eu.

— Ele tinha como acertar melhor o momento?

— Não tinha.

Lisa olhou para o garçom. — Obrigada — disse ela.

— O prazer é todo dele — disse o homem.

— Eu sei que sim — respondeu Lisa com voz emocionada. — Ele é assim.

— Como fez o sr. Wenn, ele me pediu para dizer que ama as duas.

— É claro que pediu — disse Lisa, mais para si mesma do que para

qualquer outra pessoa.

Naquele momento, meu celular tocou dentro da bolsa. — Provavelmente é Alex — disse eu. — Ou Blackwell. Ou os dois.

Mas, ao pegar o telefone, vi que era Kate Stone quem telefonava. Olhei para Lisa. — É Kate. Preciso atender. Você se importa?

— É claro que não. Faltam apenas quatro dias para a festa de gala dela, talvez precise de você. Atenda.

— Kate — disse eu ao atender. — Como você está?

— Absurdamente estressada. Telefonei em um momento ruim?

— Não, nem um pouco. Qual é o problema?

— O momento deste evento — disse ela. — Estou achando que é cedo demais, particularmente depois do que aconteceu na casa dos Witherhouses recentemente. Estou achando melhor adiar. Mas, antes disso, eu queria falar com alguém que não fosse Ben nem Laura. Naturalmente, lembrei-me de você. Quero saber ser a sua opinião é a mesma que a deles. Portanto, o que acha, Jennifer? É cedo demais, não é? Eu deveria adiar.

— Eu discordo — respondi em tom firme. — Só estou nesta cidade há três anos, mas o que sei é que ela não se curva para nada nem ninguém, nem mesmo terroristas. Em vez disso, ela segue a vida e seu povo se ergue. É isso que você precisa fazer, Kate. Se mudar a data da festa, aqueles terroristas só ganharão mais uma vez. Mas, se ficar firme contra eles, perderão. Minha opinião é que mantenha a data.

— Este é nosso maior evento de arrecadação de fundos do ano — disse ela. — E se ninguém aparecer? Se estiverem com medo demais para comparecer?

— Está falando sério? — perguntei. — Confie em mim, as pessoas irão, e eis o motivo. Muitas das pessoas que estavam na casa dos Witherhouses quando aqueles imbecis abriram fogo vão querer falar sobre a experiência com os amigos que não estavam lá. O que acho que você não percebe é que sua festa está prestes a se tornar *a* festa do ano, nem que seja só por esse motivo. Aquelas pessoas vão querer conversar e provavelmente consolar umas às outras. E, por causa do que aconteceu, devido ao clima que isso evoca, acho que elas estarão em um humor mais generoso. Portanto, escute, não cancele nada. Acho que cometerá um erro terrível se fizer isso.

— Você andou conversando com Ben e Laura?

Sorri quando ela disse aquilo. Ben era o noivo dela e Laura, sua melhor amiga. — Não, não falei com nenhum dos dois.

— Tem certeza? Porque eles disseram a mesma coisa.

— Tenho certeza.

— Então, muito bem — respondeu ela. — O consenso é de que a festa continua. Obrigada por me escutar, Jennifer. Significa muito para mim. Vejo você no sábado?

— Lisa e eu compramos nossos vestidos hoje e nossos homens estão prontos para se divertirem. Mal podemos esperar.

— Eu amo você — disse ela.

— Também amo você. Telefone se precisar de ajuda, seja para o que for. Estou sempre aqui e sempre disposta a largar qualquer coisa para ajudar.

— Você é a melhor.

— Sou só sua amiga. Veremos você no sábado. Mande um beijo e um abraço para Ben e Laura. E continue com os preparativos.

Quando desliguei o telefone, olhei para Lisa, que tinha uma expressão preocupada no rosto. — Kate deve estar passando por maus bocados tentando decidir o que fazer.

— Acha que dei o conselho certo a ela?

— Com certeza. Aqueles filhos da puta não podem ganhar de novo — disse ela com um toque surpreendente de raiva na voz. — Eles quase me tiraram a minha melhor amiga. Por isso, que se fodam.

Nós nos encaramos por um longo momento emocionante antes de brindarmos novamente. E, quando senti que nossa ligação antiga ficava ainda mais estreita, Janice Jones entrou no bar.

CAPÍTULO 8

— Ora — disse eu ao tomar um gole maior do martíni do que pretendia. — As coisas acabaram de ficar interessantes.

— O que quer dizer? — perguntou Lisa.

— Janice Jones acabou de entrar no bar.

— Mentira.

— Verdade. Acabou de passar por nós.

— Ela está sozinha?

— Sim. Bom, pelo menos por enquanto. Talvez tenha vindo encontrar algum amigo. Ou, com esta multidão, cheia de homens de negócios, talvez esteja procurando um novo amigo... — Respirei fundo para me acalmar. — Sabe, eu sempre soube que, depois de todos esses meses, teríamos contato uma com a outra novamente depois do que Rowe fez conosco e com ela. E aqui estamos... no mesmo bar. Jesus.

— Quer ir embora? Podemos ir, Jennifer.

— Não — disse eu ao observar Janice andar na direção de uma mesa vazia um pouco distante à nossa esquerda. Ela era tão linda quanto eu me lembrava... e tão elegante. Os cabelos loiros estavam presos em um coque chique. Ela vestia calças de lã justas, com um par de sapatos Manolo Blahnik sensuais de salto alto. Ao retirar o casaco vermelho antes de se sentar, notei que ela usava um suéter Monili elegante cor de creme, igual ao que eu tinha. Havia diamantes para uso diurno nas orelhas, no pescoço e nos pulsos.

Eu não sabia como Janice Jones ganhava dinheiro agora, mas sabia, por meio da influência de Blackwell, que só de joias, ela usava cerca de trinta mil dólares. E daí se um amigo não se sentasse com ela? Eu sabia exatamente por que ela estava sozinha... na esperança de pegar um homem.

— Tudo acontece por um motivo — disse eu. — Não acredito em coincidências. Mas você já sabe disso.

— Ela viu você quando passou por nós?

— Se viu, fez um excelente trabalho em esconder. Mas não. Para ser justa, acho que ela não me viu.

— Ora, isto é desconfortável — comentou Lisa.

— Por que é desconfortável?

— Pelo que ela fez com você e Alex durante a visita em Vegas. Ela foi horrível com vocês. Enganou e ameaçou vocês, pelo amor de Deus.

— Mas, no fim, ela fez a coisa certa, não fez? Ela surpreendeu a todos nós quando fez aquela coletiva de imprensa, e bem no momento em que precisávamos. Ela sabia o que estava fazendo naquele dia. Ela escolheu o momento certo. Sabia que o que tinha a dizer sobre seu relacionamento com Rowe o destruiria e que seria suficiente para tirá-lo do conselho da Wenn. Eu sempre quis agradecer a ela pelo que fez e agora é a minha chance.

— Do que está falando?

— Acho que é hora de acenar com a bandeira branca. Você se importa de ficar aqui sozinha por dez ou quinze minutos?

— Claro que não.

— Ok, já volto.

Peguei o martíni, levantei da cadeira e comecei a percorrer a multidão em direção a Janice. Ela olhou para mim surpresa e com os lábios ligeiramente abertos quando me aproximei. Ela não me vira. A verdade estava estampada em seu rosto.

— Janice — disse eu ao parar em frente a ela com a mão estendida. — É bom ver você de novo.

— É, Jennifer? — perguntou ela.

— Eu não teria vindo até aqui se não achasse. Você se importa se eu me sentar por um momento?

— Por que você quer sentar comigo? Especialmente depois da forma como tratei você e o seu marido quando me visitaram em Vegas?

— Pelo que você fez depois — respondi. — Eu gostaria de agradecer da forma adequada. Se preferir que eu vá embora, entenderei.

— Não — disse ela. — Por favor, sente-se.

Sentei-me ao lado dela e percebi que ninguém aparecera ainda para oferecer um drinque a ela.

— Posso lhe oferecer um drinque? — perguntei. — É o mínimo que posso fazer.

— Você está sendo muito gentil...

— Acho que você sabe o motivo. O que quer beber?

— Só uma taça de champanhe.

Virei-me para o bar, ergui a mão e chamei a atenção do garçom. Ele arqueou as sobrancelhas ao me ver e eu disse bem lentamente para que

pudesse ler meus lábios: — Uma taça de champanhe?

Ele assentiu com a cabeça e virou-se para servir uma taça.

— Deve ser incrível ser você — comentou Janice.

— Como?

— Basta levantar a mão e o mundo se curva à sua frente.

— O mundo não foi sempre gentil comigo, Janice, longe disso. Foi só nos últimos três anos que as coisas se saíram bem para mim.

— Ao se casar?

Ela estava na defensiva. Eu entendia. Essencialmente, eu a emboscara. E daí? Mantive a voz neutra e disse a verdade a ela. — Na verdade, ao me casar com o amor da minha vida.

Quando eu disse aquilo, os ombros dela pareceram cair um pouco.

— Quando eu estava com Stephen, achei que tinha encontrado o amor da minha vida — disse ela.

— Aposto que sim. Vocês ficaram juntos por dois anos, não foi?

— Sim, foi.

— E ele prometeu a lua a você...

— Ele me prometeu o universo.

— Eu sinto tanto — disse eu. — Depois daquele dia em que nos encontramos em Vegas, percebi o quanto você o amava. E o quanto estava disposta a fazer para protegê-lo. Fiz o mesmo pelo meu marido. O que você fez por Stephen naquele dia, eu entendi na época e entendo agora. Você estava fazendo o possível para protegê-lo.

— Sim, eu estava.

— O motivo de eu ter vindo até aqui agora é porque queria agradecer pelo que fez quando deu aquela coletiva de imprensa. Aquilo fez toda a diferença para o meu marido. Não quero tomar muito do seu tempo. Só queria agradecer pessoalmente pelo que fez porque exigiu muita coragem.

Um garçom se aproximou com a taça de champanhe de Janice e colocou-a à frente dela.

— Um brinde — disse eu ao levantar meu martíni. — Um brinde a você. E obrigada, Janice. De verdade. Eu sei que o que fez não deve ter sido fácil.

— Não foi, mas o que mais eu poderia ter feito? Ele ameaçou a minha vida.

— Se isso aconteceu, então você *fez* a coisa certa.

— Acho que sim.

Ela encostou a taça de leve no meu copo e bebemos.

— Estou curiosa — disse ela. — Como assim a vida nem sempre foi fácil

para você? Você conhece a minha história. Sabe que eu era *stripper*, o que certamente não era meu objetivo de vida quando era criança. Mas merdas acontecem, não é?

— É verdade. Meus pais eram abusivos e alcoólatras. Meu pai costumava me bater quando eu era pequena. Minha mãe só olhava, mas, como estava bêbada demais ou porque não se importava, nunca interferia. Ela está na prisão agora e não tenho nada a ver com eles. Nasci para sofrer com a pobreza e o abuso. Apesar de como as pessoas agora me veem, pois sou a esposa de Alexander Wenn, não tive uma infância fácil nem segura, Janice.

— Eu não sabia disso — respondeu ela.

— Poucas pessoas sabem. Não que eu tenha vergonha. Como você disse, merdas acontecem. Mas acho que você concorda que as coisas pelas quais passamos na vida nos transformaram nas mulheres fortes que somos hoje. Eu e minha amiga, Lisa, saímos do Maine o mais depressa possível. Viemos para Manhattan com praticamente nada no bolso. Demorei quatro meses para finalmente conseguir um emprego aqui. Eu estava muito perto do meu último centavo quando a Wenn me contratou e conheci Alex.

— Que mudou tudo — disse ela.

— Sim, ele mudou. E ele é um homem bom. Ele é o meu melhor amigo. Se estivesse aqui comigo agora, também estaria agradecendo a você pelo que fez.

— Quando fiz aquela coletiva de imprensa, eu estava aterrorizada.

— Por que não estaria? Você provavelmente ainda via Stephen como uma ameaça.

— É verdade.

— Mesmo assim, você triunfou.

Ela abriu um sorriso sombrio quando eu disse aquilo. Em seguida, balançou a cabeça. — Será? — perguntou ela. — Depois do que eu fiz a ele, muitas pessoas nesta cidade ainda me tratam como pária.

— Eu sinto muito.

— Não sinta — retrucou ela. — Eu sabia o que estava fazendo naquele dia e também sabia que haveria repercussões sociais. Acho que, até o dia da minha morte, serei vista como a *stripper* que arruinou um casamento e destruiu uma família. E agora Meredith está morta — disse ela. — O que será das filhas deles?

Quando disse aquilo, seus olhos brilharam com lágrimas, que ela imediatamente limpou.

— Stephen não lhe disse que era casado quando você o conheceu e apaixonou-se por ele, não é?

— Não, só descobri meses depois. Caso contrário, nunca teria levado adiante o relacionamento com ele. Posso ter sido *stripper*, Jennifer, mas ainda tenho moral e ética. Quando ele finalmente me contou sobre a esposa e as duas filhas, eu já estava profundamente apaixonada. Ameacei deixá-lo quando descobri a verdade, mas ele continuava prometendo que logo deixaria Meredith para ficarmos juntos. E eu acreditei — disse ela. — Meu Deus, eu fui tão idiota por acreditar nele. Xingo a mim mesma todos os dias por causa disso. E onde ele está agora? — perguntou ela. — Parece estar fora do radar de todo mundo.

— Você não teve notícias dele depois da coletiva?

— Nem uma palavra.

— Você passou por um inferno — comentei. — Eu sinto muito, Janice.

— Você é muito mais gentil do que jamais imaginei. Depois do que eu fiz, depois de como arruinei aquela família, não mereço a gentileza de ninguém.

Coloquei a mão sobre a dela e discordei. — Nós duas sabemos que não é assim.

— Talvez, mas a vida com certeza não sabe.

E como eu deveria entender aquilo, que ela tinha algum tipo de problema financeiro? Eu poderia ajudá-la? — Você está trabalhando? — perguntei.

— Não — respondeu ela.

— Janice, entenda como quiser, mas vou falar. Se algum dia achar que precisa de um emprego, saiba que Alex e eu encontraremos um lugar para você na Wenn. E com um bom salário. Posso prometer isso.

— Por que está sendo tão gentil comigo?

— Acho que já expliquei o motivo.

Quando ela olhou para o relógio, tomei como uma dica. Ela estava esperando alguém ou só acabara comigo? Olhei em volta do lugar, que ficava cada vez mais cheio de homens e mulheres de negócios. Mas principalmente homens. — Está aqui para encontrar um amigo? — perguntei. — Se está, não quero atrapalhar. Vou embora antes que seu amigo chegue.

Ela riu baixinho quando eu disse aquilo... mas foi um sorriso triste.

— Estou aqui sozinha, Jennifer. Você sabe... na esperança de encontrar um amigo.

Com isso, ela queria dizer um novo homem... e senti pena dela. — Você é uma mulher linda, inteligente e esperta, Janice. E está com uma aparência

adorável. Se precisar de um emprego, basta telefonar para mim e terá um na mesma hora. Prometo a você. Cuidarei disso pessoalmente. Há várias posições na Wenn em que eu poderia colocá-la. Posições com bons salários. Se não estiver interessada, espero que encontre o homem dos seus sonhos hoje.

— Aí é que está — disse ela ao terminar de beber o champanhe antes da minha partida. — Achei que Stephen era o homem dos meus sonhos. E olhe só no que deu.

CAPÍTULO 9

Deixamos Lisa em frente à casa na esquina da Park com a Seventy-Third Street, de onde Tank saiu para recebê-la na porta e pegá-la nos braços enquanto eu soprava beijos para os dois. Cutter acelerou e começou o percurso em direção à Quinta Avenida, onde Alex e eu tínhamos o nosso apartamento.

— Como você está, Cutter? — perguntei. — Há tanta coisa acontecendo que parece que não temos mais tempo para conversar. Desculpe por isso. Ter você só para nós hoje foi algo especial. Senti sua falta.

— Estou bem, Jennifer — disse ele. — E obrigado por dizer isso, também senti sua falta.

— Como está sua perna?

— Acredite ou não, voltou ao normal.

— Sério?

— Sério.

— Fico tão feliz em ouvir isso que você nem imagina.

— Eu não poderia concordar mais.

— Depois do que você passou naquela ilha, é uma bênção.

— Sim, é, mas Alex e você me deram os melhores cuidados... e funcionou.

— Tudo o que for preciso — retruquei.

— E deixe-me agradecer de novo. — Ele encontrou meu olhar no espelho retrovisor. — Também estive preocupado — comentou ele. — Depois desta semana, como você está?

— Tem sido difícil — respondi. — Perdemos tantas pessoas.

— Você conhecia todas elas?

— Não, mas conhecia o suficiente. Não entendo o que está acontecendo no nosso mundo, Cutter. Toda semana parece trazer um novo ataque terrorista aleatório. Por acaso, Alex e eu tivemos sorte na casa dos Witherhouses. Mas muitos não saíram de lá vivos. Foi horrível o que aqueles filhos da puta fizeram.

— Vamos torcer para que sejam pegos — disse ele.

Balancei a cabeça para ele em um esforço de clareá-la, pois parte de mim

ainda estava atônita pelo que acontecera apenas alguns dias antes. Eu queria parecer alegre para ele, não depressiva e triste. Considerando todos os que tinham morrido, eu sentia que tinha a responsabilidade de viver a minha vida plenamente. Ir adiante e fazer o possível para ser positiva, mesmo achando que não era possível. Ainda assim, por aqueles que morreram, eu pelo menos precisava tentar. — Como estão as coisas com Daniella? — perguntei.

— Ótimas — respondeu ele. — Só faz poucos meses, mas, até o momento, estou feliz. E acho que ela também.

É claro que ela está, Cutter... ora!

— Fico feliz em ouvir isso — comentei. — Pois foi uma das coisas mais alegres que ouvi hoje. Espero que continuem juntos.

Vi quando ele olhou para mim pelo espelho retrovisor. Anos antes, Cutter e eu nunca teríamos conversado em um nível tão pessoal. Mas, depois de tudo pelo que passamos juntos naquela ilha, uma boa parte daquela barreira fora derrubada. Éramos amigos agora.

— Você está bem? — perguntou ele.

Hesitei em contar a ele sobre o encontro fortuito com Janice antes de contá-lo ao meu marido.

— Estou bem — respondi. — Aconteceu uma coisa estranha agora há pouco, mas acho que, no fim, ficou tudo bem. Não vou perturbar você com isso agora. Mas, assim que eu conversar com Alex sobre o assunto, contarei a você, ok?

— É claro — disse ele.

— Sempre serei grata a você, Cutter. Não quero que responda a isso, só quero que escute. Não acho que você um dia entenderá o quanto significa para todos nós. É algo muito profundo. Mais do que jamais saberá. Sou tão grata por você estar vivo e bem, e em um relacionamento promissor, que não sei nem como expressar. Como Tank, você se tornou meu outro irmão mais velho. Espero que saiba disso.

Em silêncio, Cutter continuou dirigindo. Mas, quando nossos olhares se encontraram novamente no espelho, percebi que ele sentia o mesmo.

* * *

Quando entrei no apartamento, imediatamente senti o aroma de frango com

alho proveniente da cozinha. Ao fechar e trancar a porta atrás de mim, encostei-me nela e respirei fundo, sentindo o aroma robusto como se fosse um elixir. Alex sabia que aquele era o meu prato favorito. Ele aprendera a fazê-lo com a cozinheira de sua infância, Michelle. E o fato de estar preparando aquele prato específico me fez amá-lo ainda mais.

— Está fazendo o que acho que está fazendo? — perguntei em voz alta.

— Estou — respondeu ele.

— Você sabe que é um dos meus pratos favoritos!

— Sim, eu sei. Decidi fazer este prato por dois motivos. Primeiro, porque amo você e é o seu favorito. Segundo, eu sabia que provavelmente deveria fazer algo substancial para você para que possa absorver bem esses martínis que tomou à tarde. Caso contrário, quando eu a levar para a cama mais tarde, receio que pegue no sono.

— Até parece. E, por falar nisso, estou bem.

— Você ficará melhor do que bem mais tarde...

Com um sorriso, coloquei a bolsa sobre a mesinha do saguão, pendurei o casaco no armário e fui encontrá-lo na cozinha. Para minha surpresa, ele não estava de terno, mas vestia uma calça jeans Levi 501s justa desbotada que revelava mais do que deveria e um suéter azul-marinho. Ele estava com os pés descalços. E, depois de um dia de trabalho, a barba por fazer crescera a ponto de me dar vontade de arrastá-lo para a cama naquele momento.

— Há quanto tempo está em casa? — perguntei ao abraçá-lo e beijá-lo nos lábios.

— Uns quarenta e cinco minutos, talvez? Não muito. Estive planejando isto desde a manhã. — Ele apontou para trás de mim com o polegar. — As rosas sobre a mesinha da sala de estar são para você.

Virei-me para olhar para elas. Pelo menos duas dúzias de rosas vermelhas estavam lindamente dispostas em um vaso Lalique.

— E o que eu fiz para merecer isto tudo?

— Você é a minha esposa — disse ele ao estender os braços e segurar-me contra o corpo. — E o amor da minha vida. Não precisa fazer nada.

Eu o beijei de novo. — Agradeço a Deus por ter você.

— Digo a mesma coisa todas as manhãs quando acordo com os seus roncos — disse ele.

— Eu ronco?

— Talvez um pouco.

— Ai, meu Deus...

— Na verdade, é fofo.

— Talvez para você, mas eu fico horrorizada.

— Não deveria. Quero dizer, pense bem... *eu* também ronco.

— Bom, talvez um pouco — respondi com uma risadinha.

E, quando eu disse isso, ele me levantou nos braços com facilidade e colocou-me firmemente sobre uma das ilhas da cozinha.

— Se consegue me levantar assim, você deve ser o Super-homem — comentei. — Portanto, vamos lá, tire o suéter e revele o que está vestindo por baixo... uma camisa azul com um S enorme, vermelho e dourado.

— Você está animada — disse ele ao beijar meu pescoço.

— E você está animado para me animar. Se continuar assim, garotão, podemos esquecer o jantar, o que não quero fazer. O cheiro está maravilhoso.

— Michelle me ensinou muito bem.

— Eu sei que sim.

— Por falar nisso, tenho uma surpresa para você.

— Que surpresa?

— Rudman Cross me telefonou hoje para dar os pêsames por causa de Diana e Mike, bem como todos os outros amigos que perdemos. Ele disse que teria telefonado antes, mas, como sabia que a semana fora difícil para nós, preferiu esperar alguns dias.

— Foi muito sensível da parte dele. O que mais ele disse?

— A ser revelado, acho. Ele disse que voltará da Europa na sexta-feira e que o veríamos no evento da Fundação Stone no sábado. Ele também disse que está ansioso para conversar conosco sobre nossa proposta de uma parceria entre a Cross Communications e o SlimPhone.

— Finalmente — comentei. — Uma notícia boa no meio de uma semana terrível.

— Concordo. E sabe-se lá no que isso dará, Jennifer. Você e eu fizemos muitos negócios durante os anos em festas como essa. Se fizermos tudo certo, talvez ele se comprometa no sábado.

— Então estaremos preparados para isso. Tornaremos nosso caso ainda mais robusto para ele.

— Exatamente. Mas chega disso agora, podemos discutir o assunto depois. Quero ouvir como foi o seu dia.

— Digamos apenas que foi épico.

— Sempre que você está com Blackwell ou Lisa, é épico.

— Desta vez, foi épico por um motivo específico.

— Como assim?

— Como você sabe, Lisa e eu fomos ao St. Regis para tomar um martíni depois das compras com Blackwell para a festa de Kate. — Inclinei-me para a frente e beijei-o de novo, dizendo em seu ouvido: — Por falar nisso, obrigada por nos mandar aqueles martínis e por conseguir aqueles lugares.

Ele segurou meus seios quando eu disse aquilo e pareceu distraído ao murmurar: — Foi um prazer. — Ele abaixou a cabeça para morder de leve meu mamilo direito. — Talvez seja melhor deixar o frango para lá. Acho que quero comer você agora.

— Você vai me deixar totalmente excitada se continuar fazendo isto!

— Eis o segredo do frango com alho — disse ele. — Michelle sempre me dizia que ele era mais gostoso se ficasse na geladeira e fosse servido no dia seguinte...

— Você é incorrigível.

— Só quero carregar a minha esposa para a cama. Isso é tão errado assim?

Se ele continuasse daquele jeito, eu *deixaria* que me levasse para a cama. Ele me segurava com tanta força que conseguia senti-lo latejando contra a perna. E, se ele colocasse a boca na minha orelha de novo, com a barba por fazer mal encostando na pele, eu sabia que precisaria detê-lo antes que as coisas fossem longe demais.

— Vi Janice Jones no St. Regis — disse eu finalmente.

Com isso, tudo parou... ele se afastou de mim. — Você viu?

— Vi.

— Falou com ela?

— Falei.

— Não acredito...

— Você sabe como sou.

— Ok, então você realmente falou com ela.

— Falei. Tank tinha acabado de mandar outra rodada de martínis para Lisa e eu quando ela entrou no bar, com aparência de um milhão de dólares. Ela não me viu, mas eu certamente a vi.

— Com quem ela estava?

— Estava sozinha. Ela foi para uma das mesas longe à esquerda de nós e sentou-se. Apesar de eu saber, depois de todos esses meses, que em algum momento nossos caminhos se cruzariam, ainda fui pega de surpresa. Era de se pensar que fosse possível me preparar para um momento assim, mas adivinhe só? Tentei... e não consegui.

— O que aconteceu?

— Pensei nos meus comentários por alguns instantes e depois fui falar com ela. O resumo é o seguinte: quando Rowe ameaçou a vida dela e Janice percebeu que ele nunca deixaria Meredith para ficar com ela, fez a coletiva de imprensa naquele dia e naquela hora em um esforço para destruí-lo e para nos ajudar. Agradeci pessoalmente a ela por isso.

— O que mais foi dito?

Contei tudo a ele.

— Foi uma senhora conversa — comentou ele.

— Foi, sim.

— E você terminou com um tom amigável?

— Garanti que sim, pois fiquei com muita pena dela. Aquele filho da puta a enganou. Ele a enganou. Brincou com ela. E, como ela acreditou em tudo o que ele disse sobre deixar Meredith para que ficassem juntos, agora não tenho dúvida alguma de que aquela mulher estava perdidamente apaixonada. E acho que ela ainda sofre por causa disso.

— E eu estava aqui achando que seduziria você quando chegasse em casa — comentou ele. — Eu não imaginei que isso aconteceria.

— Não é como se falar com Janice Jones tivesse me deixado incapaz de ser seduzida, sr. Wenn.

Ele sorriu ao ouvir aquilo e as covinhas em seu rosto quase me fizeram ceder. — Anotado, sra. Wenn.

— Mas o caso é o seguinte, Alex. Depois que eu e ela passamos da parte constrangedora, fiquei mesmo com pena dela. Meu coração ficou apertado por ela, pois todos nós sabemos do que Rowe é capaz: enganação completa, não importa o custo para as pessoas próximas dele.

— Você disse que ela estava sozinha?

— Sim, estava. Você sabe como o King Cole Bar é naquela hora do dia, cheio de homens e mulheres de negócios muito ricos, mas, em sua maioria, homens. A maioria deles é daqui e alguns são solteiros. Como ela claramente gastara um bom tempo para se arrumar, acho que estava caçando. E não a culpo por isso. Meses se passaram desde que ela deixou Rowe... e pode estar solitária.

— Ela também poderia estar lá procurando um homem rico.

— Que seja, pois quem sabe o que ela tem no banco a essas alturas. E quem sabe o que ela sabe fazer. Pior, ela ainda conseguiria um emprego nesta cidade depois do que fez com Rowe? Quando conversamos, ela fez algumas

referências defensivas sobre o fato de ter sido *stripper*, o que me disse muito. E, no fim da conversa, eu disse a ela que, se algum dia achar que precisa de um emprego, poderíamos encaixá-la na Wenn. Espero que não se importe.

— Claro que não.

— Foi o que pensei — respondi. — Porque não acho que ela seja uma má pessoa. O que senti nela hoje foi alguém que se apaixonou pela pessoa errada, cuja vida foi ameaçada por essa pessoa e que fez a coisa certa indo a público contra ele. Ela engoliu a própria vergonha naquela coletiva de imprensa. Pediu desculpas a Meredith e às crianças. Acho que Rowe a convencera tanto que ela era a pessoa certa para ele que Janice acreditou em cada palavra. E que estava pronta a lutar por ele até que Rowe revelou quem realmente era.

— Não estou mais com tanta fome agora — comentou ele.

— Mas você teve tanto trabalho!

— Estará mais gostoso amanhã... prometo.

Eu o puxei para perto e segurei suas nádegas. — Você deve estar mais faminto pela sobremesa...

— Se você está no cardápio, estou sempre faminto.

Saltei do balcão. — Então vamos guardar tudo na geladeira — disse eu ao beijá-lo nos lábios. — E depois você pode me levar para o quarto para acendermos o fogo. Combinado?

— Combinado, com certeza.

Subimos a escada até nosso quarto, tiramos a roupa e caímos na cama. E, enquanto ele fazia amor comigo, fiz o possível para garantir que aquela sobremesa fosse algo que nunca esquecesse.

CAPÍTULO 21

Na manhã seguinte, antes de saírem para avaliar a Fundação Stone, Gia e Carlo pesquisaram na internet onde ela ficava.

— É ali — disse Gia ao apontar para o monitor do computador. Eles tinham usado o Google Maps para encontrar o prédio. — Fifty-Fourth Street com a Park.

— É praticamente perfeito — comentou Carlo. — Olhe só para a entrada, um andar inteiro do prédio tem colunas, provavelmente para acomodar multidões e manter as pessoas fora da calçada. O prédio fora projetado para hospedar eventos, o que provavelmente foi o motivo pelo qual Kate Stone o escolheu para a fundação.

Como sempre, Carlo não vestia nada além de uma bermuda, enquanto Gia já tomara banho e tomava um *espresso* vestindo uma calça jeans justa e um suéter vermelho. Os cabelos escuros longos caíram sobre os ombros quando ela se inclinou para mais perto da tela para observar o prédio.

— O que há na frente dele? — perguntou ela.

Ele pegou o mouse do computador e virou a imagem para que mostrasse o lado esquerdo da rua. — Parece um prédio de escritórios. E é imenso.

— Aproxime nas janelas, se conseguir.

Ele o fez.

— É o mais próximo que consegue chegar?

— Infelizmente.

— Não sei dizer ao certo, mas aquelas janelas parecem abertas para mim.

— Concordo.

— Mas não sabemos com certeza. Portanto, vá tomar um banho, vista alguma coisa e vamos descobrir.

* * *

Depois de chegar à Fundação Stone de táxi, Gia teve uma sensação de

alívio ao pagarem o motorista, saírem para a calçada e olharem para o arranha-céu diretamente à frente da fundação.

— Elas abrem — comentou ela enquanto as pessoas passavam apressadas na calçada. O dia estava claro e ensolarado, mas frio no fim de março. Era horário de movimento da manhã e os carros passavam depressa na rua. — Olhe só como temos sorte.

— Depende — respondeu Carlo. — O que tem em mente?

— Olhe só quantos escritórios existem lá. Não devem estar todos alugados. Certamente alguns estão disponíveis. Se apenas um deles estiver livre, estamos bem. Podemos atirar de lá.

— Não temos fuzis de precisão, Gia — disse ele.

Ela revirou os olhos para ele. — Carlo, estamos nos Estados Unidos, o país em que qualquer um pode ter qualquer arma de ataque que quiser, basta pedir. Nenhuma verificação de histórico é necessária. E você já sabe o que eu quero, o "Big Mac".

— O McMillan Tac 50? — perguntou ele.

— Um dos melhores. Incrivelmente preciso, pouco recuo e testado em batalha. Tem o poder de atravessar um tanque, tem um dos melhores registros de mortes confirmadas e, o mais importante, tem o tipo de precisão necessária para matar um indivíduo. — Ela deu de ombros. — Ou, no nosso caso, indivíduos. Precisaremos de dois deles. Eu mato Jennifer e você pode matar Alex. A não ser que prefira a mulher...

Ele sorriu para ela. — Não sou misógino — comentou ele.

— Se fosse, eu lhe daria uma surra. Alex é seu.

— Está bem. Mas onde conseguiremos as armas? E como entraremos naquele prédio?

— Mario pode resolver isso para nós — respondeu ela. — Mas precisaremos pagar bastante por esse favor em particular. Não que eu me importe. Rowe está nos pagando milhões pelos Wenns. Só precisamos oferecer a Mario uma quantia decente para conseguir o que precisamos.

— E se ele não conseguir?

— Aí teremos que repensar tudo — disse ela. — Mas ele conseguirá. Nesta economia, não é possível que todos aqueles escritórios estejam alugados. Quanto às armas, provavelmente conseguiremos comprá-las no Wal-Mart.

* * *

No fim das contas, não conseguiram. Na verdade, não conseguiram encontrar aquela arma em particular em lugar nenhum.

Nem mesmo em New Jersey. O que encontraram, e roubaram, foi um Nissan Murano SUV preto, que era um veículo tão popular que não se destacaria nas ruas. Era o veículo perfeito, grande o suficiente para sequestrarem Janice Jones, e tinha os vidros com película escura, o que os ajudariam de forma óbvia quando a pegassem.

Quando voltaram para Manhattan e Gia telefonou para Mario, ela disse a ele do que precisavam.

— Talvez eu consiga colocá-los dentro daquele prédio, mas as McMillans serão mais difíceis — disse ele.

— Por quê?

— Porque é difícil encontrar essas armas.

— Nem me fale, não tivemos sorte. Se conseguir nos colocar naquele prédio e conseguir aquelas armas para nós, com bastante munição para acompanhá-las, pagarei cem mil dólares a você, Mario.

— Cem mil dólares? — perguntou ele surpreso. — Gia, amo você tanto quanto eu amava seu tio Niccolo, mas o que está propondo é algo que poderá me colocar na cadeia por anos se me pegarem. Quinhentos mil dólares ou nada feito. Se concordar com esse valor, verei o que posso fazer para conseguir o que precisa.

— Quinhentos mil? — exclamou ela. Carlo a encarou.

— Eu faria por menos se pudesse, mas boa parte desse dinheiro não vem para o meu bolso. Para que isso aconteça, terei que arrumar uma equipe para fazer tudo tão depressa quanto vocês precisam. Esse dinheiro terá que ser espalhado para o bolso de outras pessoas.

Como ela entendia aquilo, acabou cedendo. — Então faça o que for preciso — disse ela. — Mas, antes de agir ou prometer dinheiro a qualquer pessoa, veja primeiro se o escritório que escolherão ficará virado para a Fundação Stone. Isso é essencial. Depois de resolver isso, e se puder garantir que teremos as armas, continue com o restante e pagaremos a você.

— Combinado — disse ele.

— Obrigada novamente, Mario. Amo você mais do que pensa.

— Eu sei disso, garota. Mas eu me preocupo. O trabalho que está fazendo parece grande... quase grande demais. Na verdade, parece que fica cada vez

maior. Tem certeza de que você e Carlo conseguem lidar com isso?

— Não vou mentir — disse ela. — Desta vez, vai ser apertado.

— Não arrisque sua liberdade por dinheiro, Gia.

— Nunca faço isso. Admiti que será apertado, mas também acredito que conseguiremos. Só preciso daquelas armas, Mario. E, se for para isso dar certo, preciso ter um escritório virado diretamente para a Fundação Stone. Além disso, preciso entrar naquele escritório antes de sexta-feira para que Carlo e eu possamos continuar a avaliar a área e colocar os planos em funcionamento. Quando consegue me dizer alguma coisa sobre ele?

— Dê-me algumas horas — respondeu ele. — Avisarei à tarde.

— Obrigada, Mario.

— Só chegue do outro lado, ok? Você vai acabar me dando uma úlcera. Não sei no que está metida, nem quero saber, mas serei sincero com você, estou mais preocupado agora com vocês dois do que jamais estive.

* * *

Como nenhum dos dois vira o depósito que Mario conseguira, eles decidiram ir até a esquina da Avenue C com a East 6th Street para dar uma olhada.

Quando chegaram, viram um prédio de tijolos estreito e dilapidado, com três andares, que parecia encolher sob o sol, como se estivesse exausto de tantos anos de negligência. O prédio estava em tal estado de descuido que parecia abandonado, mas Gia sabia que, naquela parte da cidade, não havia como ter certeza.

Ela olhou para a frente do prédio. No lado esquerdo, havia uma porta vermelha, sobre a qual estava pendurada pelos fios uma luz metálica. À direita da porta, era a entrada do depósito, que consistia em uma porta de garagem cinza com uma placa acima que dizia "Oficina do Vinny". Na porta, havia quatro palavras pintadas com spray amarelo brilhante: "ENTRADA ATIVA 24 HORAS".

Logo abaixo, tinham pintado mais quatro palavras em preto: 'VÁ SE FODER, VINNY!".

Como aquela parte da cidade tinha pouca vida, Carlo conseguiu parar em frente ao prédio para que pudessem avaliá-lo sem atrapalhar o trânsito.

— É este? — perguntou ele incrédulo.

— Parece que sim. — Ela tirou do bolso da calça o controle remoto que Mario lhes entregara e apertou um botão. Com barulhos de batida e guinchos, a porta da garagem sacudiu e lentamente começou a abrir.

— Pelo menos, tem eletricidade — comentou Carlo.

— A pergunta para a qual quero uma resposta é se há alguém morando no andar de cima. Entre com o carro. Vou telefonar para Mario.

Eles entraram com o carro e a porta da garagem começou a fechar logo atrás. Eles saíram do carro e Carlo ligou um interruptor. Acima deles, lâmpadas iridescentes longas piscaram e acenderam, lançando um brilho azulado estranho que fez com que o lugar parecesse um necrotério. Gia colocou o telefone perto do ouvido e esperou que Mario atendesse, o que demorou um momento.

— Quem mora no andar de cima? — perguntou ela.

— Ninguém mora naquele prédio — respondeu ele. — Achou mesmo que eu faria isso com você?

— O lugar é um buraco.

— Você esperava um palácio?

— O que aconteceu com Vinny? — perguntou ela.

— Quem diabos é Vinny?

— Pelo jeito, ele era o dono deste buraco. Ou alugava o lugar. Aqui era a "Oficina do Vinny".

— Até onde eu sei, Vinny está morto.

— Então quem mantém as luzes ligadas?

— Você sabe que não posso lhe dizer quem é o dono, Gia. Digamos apenas que eles mantêm as luzes ligadas por um motivo.

Foi quando ela soube.

— Este lugar está à venda, não está? — perguntou ela.

Ele não respondeu.

— Sim, está — disse ela.

— O dono do lugar é um amigo meu. Ele está recebendo uma parte dos seus quinhentos mil dólares e sabe que não pode deixar ninguém chegar perto daí nas próximas duas semanas. Não se preocupe com isso. Não sei o que pretende fazer aí, mas precisa deixar o lugar do jeito como o encontrou.

Ela andou até a frente do SUV e olhou em volta. — Há um banheiro aqui?

— Como eu vou saber? E para que você precisa de um banheiro?

— Adivinhe, Mario.

— Caralho — disse ele. — Olhe, só não se esqueça de deixar o lugar limpo quando sair, Gia. E quero dizer *limpo*.

— Entendido.

— Falando nisso, consegui o que você pediu mais cedo.

— Qual parte?

— A do aluguel.

— Tão depressa?

— Consigo fazer um monte de merda quando estou motivado — comentou ele.

— Obrigada, Mario. Vou transferir o dinheiro para a sua conta quando voltar para o nosso apartamento. Quando poderemos ver o escritório?

— Quando quer vê-lo?

— Amanhã? Ao meio-dia?

— Ok. Esteja lá às onze e cinquenta e cinco. Meu cara sabe como você é. Ele a procurará na calçada. E adivinhe só? Ele também vai lhe dar duas mochilas, nas quais estarão os outros itens que você pediu.

— As armas?

— Isso mesmo.

— Agradeço toda a sua ajuda... de verdade, Mario.

— Precisa de mais alguma coisa de mim?

Ela se virou para longe do irmão quando Mario perguntou aquilo e correu os dedos pelos cabelos ao andar até uma parede de tijolos. Tudo que tinham colocado em movimento subitamente se tornou muito real para ela. Gia estaria mentindo se dissesse naquele momento que não sentia um frio na barriga. Ela olhou em volta do depósito e disse baixinho: — Talvez um desejo de boa sorte?

A voz dele ficou sombria e preocupada. — Não importa o que esteja fazendo, pode desistir agora, Gia.

— Tio Niccolo nunca desistiu de nada com que se comprometeu, Mario. Nem eu. Nunca. O mesmo vale para Carlo. Vamos sair dessa.

— Não entre em nada que seja demais. Estou dizendo que não vale a pena. Outros trabalhos aparecerão.

— Não tão desafiadores nem que paguem tão bem quanto este. Estou me esforçando. Carlo também. Juntos, ficaremos melhores. Mais fortes. Saiba que tenho tudo planejado até o último detalhe... prometo. — Como não estávamos usando uma linha segura, ela começou a falar em código como sempre fazia quando precisava. — Eis o que você não sabe. O que aconteceu

há alguns dias? O evento que aconteceu em uma certa mansão na Park que foi manchete no mundo inteiro? Nós fizemos aquilo. E, se podemos fazer aquilo, podemos fazer mais.

— Jesus, Gia... que merda vocês estavam pensando? Vocês prestaram atenção nos jornais? Na CNN? Eles têm imagens de segurança de vocês dois.

— E, de todas as pessoas, você deveria ter nos reconhecido. Mas não reconheceu porque estávamos usando máscaras. E daí? Como vão descobrir se nem mesmo você conseguiu?

— Não gosto disso — comentou ele.

— Vai ficar tudo bem porque tem que ficar.

— Que tipo de lógica é essa?

— A minha lógica. Mas olhe, preciso correr. Carlo e eu estaremos lá amanhã às onze e cinquenta e cinco. E obrigada, Mario. Isso tudo estará no passado daqui a alguns dias. E Carlo e eu estaremos em alguma praia... eu com uma bebida tropical na mão e Carlo provavelmente tentando escapar das mulheres. Você verá, pois entrarei em contato quando isso acontecer. Eu amo você — disse ela novamente, mas, desta vez, com um toque inesperado de emoção na voz. Em seguida, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, ela desligou.

— Gia — disse Carlo.

Ela estava de costas para ele. As lágrimas ardiam em seus olhos. Ela guardou o telefone no bolso da calça e balançou os cabelos em um esforço de clarear a mente. Nunca Mario a advertira sobre um trabalho tanto quanto aquele. O que ele via que ela não conseguia ver? Uma falha nela? Em Carlo? O fato de estar duvidando dela começava a deixá-la nervosa. Ele nunca duvidara dela antes.

— O quê? — perguntou ela.

— Você está bem?

Ela piscou várias vezes para limpar as lágrimas e virou-se para o irmão com expressão neutra. — Estou bem. Vamos, temos que dar uma olhada em volta.

— Tem certeza?

— Eu disse que precisamos dar uma olhada em volta.

Quando ela cuspiu aquelas palavras, ele recuou e virou-se para olhar o espaço. — Não parece haver muita coisa a olhar — comentou ele ao andarem pelo lugar.

— A única coisa que me importa é se tem um banheiro aqui. Ou uma mangueira. Há um ralo no piso ali, portanto, deve haver uma mangueira.

Procure.

— Está aqui — disse ele ao levantar uma mangueira preta que estava pendurada em um gancho na parede à esquerda.

— Ligue e veja se temos água.

Havia água.

— Ora, graças a Deus — comentou ela.

— O que é aquela porta atrás de você?

Ela se virou, abriu a porta e ligou a luz. — É um depósito — respondeu ela. — Cheio de ferramentas e peças de carro. Ele tem a extensão do prédio, o que é bom. Se Jones começar a gritar antes de Rowe cortar a garganta dela, precisaremos desse isolamento.

Ela andou mais para dentro do espaço. — Há também um banheiro aqui — gritou ela. — E teias de aranha suficientes para me deixar assustada.

— Covarde.

— Engraçadinho — retrucou ela. Mas ficou grata, pois ele acabara de puxá-la de volta para o que realmente era.

— Há uma cadeira aí?

— Sim, tem uma cadeira aqui.

— Traga-a para fora. Ela terá que se sentar em alguma coisa.

Gia levou para fora uma cadeira velha de metal de aparência industrial, que parecia ter sido feita nos anos 1940.

— É resistente? — perguntou ele.

Ela se sentou na cadeira e tentou balançá-la. — Muito firme.

— Suponho que teremos que prendê-la à cadeira.

— De que outra forma vamos contê-la? Também teremos que amarrar os pés dela na cadeira. Portanto, coloque na lista de coisas a fazer que precisamos comprar cordas. Aquele filho da puta doente poderá dizer o que quiser a ela antes de cortar sua garganta.

— Também precisaremos de fita adesiva, Gia.

— Para colocar sobre a boca de Janice fechada antes que ele a mate? Adicione na lista.

— Como acha que vamos colocá-la dentro do Murano? Haverá pessoas em volta, você sabe disso. Se estragarmos tudo e algum cara decidir que quer ser herói em uma cidade cheia de heróis, poderemos perder. Logo, teremos que começar a discutir como nós a botaremos dentro daquele carro. Faltam poucos dias para que essa merda toda aconteça e ainda não conversamos sobre um plano para ela.

Enquanto Gia andava até ele, ela se sentiu mais forte do que quando falara com Mario. Mais vigorosa. Mais em controle. Mais disposta a acreditar em si mesma e no que ela e o irmão poderiam fazer.

Ela puxou os cabelos acima da cabeça e deixou-os caírem sobre os ombros. A iluminação do depósito lançou tons azuis em volta dela. A apreensão nos olhos do irmão ficou mais aguda quando ela parou em frente a ele. Ela o encarou e passou o dedo pelas linhas duras da mandíbula forte e definida.

— Você não sabe? — perguntou ela em um sussurro.

— Pare de brincadeira, Gia.

Ela desceu o dedo pelo peito musculoso e o abdômen definido dele e parou logo acima da virilha. — Não estou brincando.

— Claro que está.

— Você nasceu um garanhão por um motivo, Carlo. Tem o rosto de um deus e o tipo de corpo para os quais os deuses se curvam. Vamos usar você... todinho. Usaremos todos os dons físicos com os quais nasceu e Jones morderá a isca. Ela cairá como um patinho, pois como poderia resistir a alguém com a sua aparência? Você verá. Você ainda não sabe, mas prepare-se para o que virá, mano, pois será o início do fim dela de formas que nenhum dos dois imagina.

CAPÍTULO 10

Na manhã de sexta-feira, o dia antes do evento da Fundação Stone, Gia e Carlo foram novamente seguir Janice Jones, como tinham feito nas duas manhãs anteriores.

No que dizia respeito a Gia, aquela seria a última oportunidade que teriam de decidir exatamente como a emboscariam na manhã seguinte.

E não poderiam estragar tudo.

Desde que conversara com Mario no depósito, a dúvida na voz dele a deixara assustada e furiosa. Eles não podiam fazer nada de errado, portanto, ela e Carlo fariam todo o possível nas próximas horas, que seriam as finais, para garantir que tudo desse certo.

Não só tinham seguido Jones nos três dias anteriores para garantir que nada mudasse nos horários dela, como também tinham passado um tempo considerável no escritório que Mario alugara. No fim das contas, o TAC 50 era o rifle perfeito para aquele tipo de evento, particularmente por causa da mira poderosa e do baixo recuo. As armas tinham sido montadas e aguardavam para ser usadas quando chegasse a noite de sábado.

Mas, no momento, a questão era Jones, que Gia achava ser quase uma máquina, pois ia à academia no mesmo horário todos os dias, pontualmente às nove horas. Nunca faltava nem se atrasava.

Aquela era a primeira vez que tinham levado o SUV para ver como o planejamento aconteceria em tempo real. E do que Gia já não gostava era que, à medida que março lentamente escoava em direção a abril e as temperaturas começavam a aumentar, mais pessoas pareciam estar nas calçadas do que alguns dias antes quando começaram a seguir Jones.

Ou era apenas coisa da imaginação de Gia? Talvez fosse, mas ela duvidava. A West Forty-Third Street, onde estavam estacionados naquele momento, observando pelo espelho retrovisor enquanto Jones se aproximava, com o rabo de cavalo balançando como sempre, pareceu mais viva, o que naturalmente a deixava preocupada.

Quanto menos pessoas estivessem perto de Jones quando Carlo a pegasse na manhã seguinte, melhor.

— Ela está prestes a nos alcançar — disse Gia. — Consegue vê-la?

Carlo estava com o para-sol abaixado. Ao olhar pelo espelho do para-sol, ele assentiu. — Eu a vejo, como seria possível não ver? Aqueles peitos dela são reais?

— Ela era *stripper*, Carlo, portanto, duvido muito. Mas, pelo amor de Deus, não vá ficar de pau duro agora, ok? Preciso que se concentre.

— Estou concentrado.

— Ótimo — disse ela no momento em que Janice chegou bem perto deles. — Hoje é amanhã de manhã. O que você faz?

Ele disse a ela.

— O que acontece se alguém interferir?

— Você interfere.

— Quanto tempo isso deverá levar?

— Qual parte?

— Colocá-la no carro.

— Com a sua ajuda? Não mais de dez segundos.

— Isso parecerá uma vida inteira — comentou ela quando Jones passou por eles. Os dois observaram enquanto ela passava, como outras pessoas apressadas à frente e atrás dela. — É imaginação minha ou há mais pessoas nas calçadas do que vimos antes?

— Não é sua imaginação. O clima mudou nos últimos dias. E esta cidade gosta de caminhar. Parece que mais pessoas estão indo para o trabalho a pé...

— Ora, ora, não é perfeito?

Ele não respondeu e, na ausência de conversa, Gia ficou introspectiva.

— Hoje é o último dia inteiro de vida dela — comentou ela, quase que para si mesma. — Se ela soubesse disso, será que mudaria sua programação? O que se tornaria a coisa mais importante do mundo a fazer para ela? Para quem ela telefonaria primeiro? Para quem seria o último telefonema? Quem ela faria questão de ver uma última vez? Nunca saberemos a resposta para essas perguntas, mas ainda assim fico intrigada.

Carlo continuou olhando para a frente e deu de ombros. — No caso dela, acho que não saber é mais humano. Neste momento, Janice Jones está livre e contente, indo para a academia. Mais tarde, estará livre e contente para almoçar ou fazer compra com as amigas. E, por causa disso, essas amigas se lembrarão de como ela era... livre e contente em estar viva. Livre e contente em se ver livre de Rowe. Uma mulher com a promessa de um futuro bom... até chegar o momento em que ela perceberá que ele está prestes a matá-la.

Por um momento, os dois ficaram em silêncio.

— Gia — disse Carlo com preocupação na voz.

Ela ignorou o tom dele.

— Essas pessoas em volta dela agora — continuou ele. — Amanhã de manhã, qualquer uma delas poderá interferir. Qualquer uma delas poderá decidir se envolver. Precisamos estar preparados para isso.

— Estamos preparados.

— Mas estamos preparados para a quantidade de pessoas na calçada? — perguntou ele. — À medida que a temperatura aumenta, a quantidade é cada vez maior. Não estava assim quando começamos a segui-la na semana passada. Estava mais frio. O clima mudou e agora as pessoas estão saindo aos montes.

Ela não respondeu.

— Nós dois sabemos que isto é perigoso. Ainda podemos desistir.

— Tio Niccolo nunca desistiu de nada — retrucou ela. — Enquanto você ainda estava na escola, maninho, ele me *disse* que nunca se desiste de um compromisso. Ele me disse que, ao concordar com um trabalho, é preciso terminá-lo. Concordar com um trabalho é a sua palavra.

— Por que você está subitamente dando uma de "tio Niccolo" para cima de mim? Gia, nós sempre concordamos que, se achássemos que seria demais, simplesmente sairíamos. Que nenhuma quantidade de dinheiro valia nossa liberdade. *Conversamos sobre isso com relação a este trabalho*. Qual é o problema com você? Tem estado muito esquisita há dias.

— Não gosto que duvidem de mim — disse ela ao olhar para Jones.

— Quem duvidou de você?

— Mario.

— Quando?

— No depósito.

— E quem se importa com Mario?

— Eu me importo.

— Por quê?

— Porque ele era o melhor amigo de tio Niccolo. E Mario, mais do que qualquer outra pessoa, sabe o que Niccolo esperaria de mim. No outro dia, Mario disse que estávamos dando um passo maior que as pernas e que estava preocupado conosco. Mas, quando disse isso, o que realmente estava fazendo era nos questionar. Especialmente eu, nem que fosse por estar nisso a mais tempo que você. Ele não acredita que vamos conseguir terminar este trabalho,

Carlo. Isso me insulta, deixa-me furiosa e deveria fazer o mesmo com você.

— Você está deixando as emoções levarem a melhor, Gia.

Ela não respondeu. Em vez disso, mudou de assunto. — Precisamos ir embora — disse ela. — Temos que pegar sua roupa sedutora para amanhã. A Saks abre às dez. Vamos andar até lá, preciso de um pouco de ar fresco. Quando chegarmos, talvez a loja já esteja aberta. Se não estiver, esperaremos com o restante da multidão.

Ela lançou um olhar a ele antes de abrir a porta do carro. — Rowe chega hoje à noite. Portanto, prepare-se, Carlo, pois nenhum de nós sabe como vai ser. Eu acho que não vai ser nada bom, mas espero que ele prove que estou errada.

* * *

Mais tarde naquela noite, Gia e Carlo decidiram que seria melhor ficar em casa e pedir comida tailandesa para o jantar. Assim, poderiam ficar na sala de estar enquanto esperavam a chegada de Rowe.

— Onde ele está? — perguntou Gia quando o relógio marcou oito horas.

— Vai saber — retrucou Carlo. — Pelo jeito, ele aparecerá quando estiver pronto.

Mais cedo naquele dia, Rowe enviara uma mensagem a Gia dizendo que estava em um avião a caminho. Mas, como ele não dissera a que horas chegaria, e como nem Gia nem Carlo sabiam de onde Rowe viria, só o que podiam fazer era esperar que o porteiro o anunciasse, o que os deixou furiosos.

— Ele tem culhão — disse Carlo uma hora depois. — Já são nove horas e precisamos dormir. Ele tem alguma ideia de como o dia será longo para nós amanhã? Como será difícil? Precisaremos estar bem alertas.

— Ele não dá a mínima, Carlo — retrucou ela. — Neste momento, estamos à mercê dele. Se quisermos o dinheiro, teremos que jogar o jogo dele. E acredite quando digo, é um jogo. Ele está brincando conosco. No momento, ele está marcando território e comandando o espetáculo. A boa notícia é que, depois de amanhã de manhã, ele acabará a história com Jones. Depois, subirá em um avião e ficará fora do nosso caminho para que possamos acabar com os Wenns à noite.

— Quer uma taça de vinho? — perguntou Carlo. — Talvez ajude a nos acalmar.

— Nada de álcool para mim — respondeu ela. — Nem para você. Porque você tem razão, precisaremos estar alertas quando acordarmos amanhã cedo.

Quando disse aquilo, ela e o irmão viraram rapidamente a cabeça ao ouvirem o som do elevador privado, que levava diretamente ao apartamento deles. Em seguida, ouviram as portas do elevador abrindo perto da entrada.

Carlo arregalou os olhos, questionando a irmã, quando passos começaram a se aproximar.

Sem uma palavra, ela acenou para que ele deitasse no chão, pegou a arma que estava sobre a mesinha e deitou-se ao lado de Carlo. Ela só atiraria se fosse necessário.

Foi quando eles ouviram uma voz familiar.

— Sou eu — disse Stephen Rowe. Os dois reconheceram a voz imediatamente. — Cheguei, finalmente. Não estão felizes com isso? Não respondam, prefiro não ouvir mentiras.

Quando ele entrou na sala de estar e encontrou os dois deitados no chão com a arma de Gia apontada em sua direção, ficou parado, olhando para eles admirado. — Qual é a do teatrinho? — perguntou ele. — Eu falei que chegaria hoje à noite. Por que a arma, Gia? Abaixe-a, pelo amor de Deus. Sou eu. Você sabe... o chefe de vocês.

Não que eles o tivessem reconhecido ao vê-lo. Desde a última vez em que o viram, dias antes, Stephen Rowe, raspara a cabeça e deixara crescer um cavanhaque, que pintara de loiro. Ele parecia uma pessoa completamente diferente.

— Você quase levou um tiro — disse Gia quando ela e Carlo se levantaram. — Como entrou aqui?

— Sério? — perguntou ele.

— Sim, sério.

— Gia, você e seu irmão moram aqui, mas fui *eu* quem alugou este apartamento. Acha mesmo que não tenho uma cópia da chave e que não poderia entrar a qualquer hora do dia ou da noite? Ora, faça-me o favor. Nada disto pertence a vocês. Pertence a mim.

— Então deveria ter nos dito quando entregou o apartamento a nós — disse ela ao se sentar ao lado de Carlo em um dos sofás. — Nunca, nem uma vez, você disse que poderia simplesmente entrar. Depois de tudo o que fizemos por você, depois de todas aquelas mortes, consegue imaginar como estamos

ligados? O alto nível de alerta em que estamos?

— Superem isso — disse ele ao soltar uma mala de mão aos pés.

— O que você fez consigo mesmo? — perguntou ela.

— Digamos apenas que sair dos Estados Unidos não foi tão simples quanto voltar. Eu tive que mudar a aparência para que ficasse igual ao meu passaporte falso. — Ele sorriu para ela. — E deu certo. O que achou?

Um horror.

— Mal reconheci você — respondeu ela.

— Então foi um sucesso. — Ele se virou para Carlo. — Como você está, Carlo? Pronto para o grande dia amanhã?

— Gia e eu passamos a semana inteira nos preparando para amanhã. Nós dois estamos muito bem preparados.

— Para serem vistos, aposto — disse ele ao se jogar no sofá à frente deles. — Olhem, vamos logo ao assunto porque estou cansado. Aquela viagem foi mais longa do que vocês conseguiriam imaginar. Antes que eu vá dormir, o que preciso saber sobre amanhã em se tratando de Jones?

— Nós o deixaremos no depósito primeiro — respondeu Gia. — Você nos esperará lá. Quando a pegarmos e levarmos de volta a você, poderá fazer o que quiser com ela.

— E como será esse "pegarmos"? — perguntou ele. — Transparente?

— Na verdade, sim — mentiu Gia, sem saber realmente como seria. Ela tinha várias preocupações sobre o assunto, bem como Carlo. Mas, naquele momento, o que Rowe precisava ouvir deles era confiança de que tudo transcorreria de forma tranquila. Se ele percebesse um traço sequer de hesitação, teria um ataque de fúria.

— Ora, isso é reconfortante — disse ele. — Como vão pegá-la?

Ela contou a ele.

— Nossa — comentou ele. — Coitada de Janice, sem suspeitar de nada. — Ele levantou o dedo. — Sobre a garganta dela... com o que vou cortá-la?

— Uma faca — respondeu Carlo.

— Vocês o têm?

— Sim.

— Posso ver? Eu gostaria de me familiarizar com ele...

— Vá buscá-lo — disse Gia.

Quando Carlo saiu da sala de estar, Rowe gritou: — Você é o garotinho de recados dela, Carlo? Faz tudo o que ela diz? Porque, para mim, certamente parece que sim.

— Respeito a minha irmã — respondeu Carlo ao entrar em um dos quartos do primeiro andar, onde tinham escondido a faca em uma gaveta. — Ela me ensinou tudo o que sei.

— Exceto como matar os Wenns — retrucou Rowe. — Vocês dois fizeram merda nesse caso, não foi?

— De certa forma, sim — respondeu Gia. — Mas conseguimos matar Diana Crane e Mike Fine para você. E estou confiante de que amanhã à noite, quando acabarmos com os Wenns, tudo isso ficará no passado.

Rowe ergueu a sobrancelha para ela. — Olhe só para você, Gia. Faz com que isso tudo pareça um fardo para vocês dois.

— Nada disso tem sido fácil, Stephen. E não desconte o que fizemos por você. Carlo e eu garantimos que nada disso aponte de volta para você. Essa foi uma das nossas principais preocupações, fazer tudo de tal forma que ninguém pensará que você estava por trás.

— Hummm… — disse Rowe.

— Aqui está a faca — disse Carlo ao voltar para a sala de estar.

— Deixe-me ver — disse Rowe.

Carlo a entregou a ele. Quando fez isso, Carlo e Gia observaram em silêncio quando Rowe se levantou, estendeu o braço direito à frente do corpo e pressionou o botão no lado da faca para liberar a lâmina. Quando o aço capturou a luz, Rowe começou a mover a lâmina com habilidade entre os dedos, de tal forma que ela saltava entre eles com facilidade.

— Tive uma quando era criança — disse ele enquanto a faca dançava entre os dedos dele com habilidade alarmante — Uma versão mais barata, é claro, mas nunca me esqueci qual é a sensação de ter uma faca dessas na mão... nem como manuseá-la. É como andar de bicicleta.

Quem é ele? perguntou Gia a si mesma. *Do que ele é capaz...?*

— A que horas sai o seu voo amanhã? — perguntou ela.

— Já está doida para se livrar de mim?

— Foi só uma pergunta, Stephen.

— Ao meio-dia. Só estou aqui para resolver a situação com Janice. Os outros dois são um problema seu e do seu irmão. Pretendo estar bem longe desse outro pesadelo quando ele acontecer, pois, para ser bem sincero com vocês, eu nem deveria estar aqui agora. Mas, como eu disse antes, enfrentar a mulher que causou o maior dano a mim e à minha reputação vale o risco. Com isso dito, no momento em que ela estiver morta, irei depressa para o aeroporto e darei o fora daqui. Estarei bem longe antes de vocês matarem os

Wenns.

— Você disse que queria que Jones sofresse — comentou Carlo. — Como posso ajudar?

— Obviamente, não sou um assassino como você, Carlo. Portanto, o que preciso saber é a profundidade que preciso cortar a garganta dela. E onde exatamente devo cortar? Se eu atingir uma artéria, ela morrerá depressa, e não quero isso. Quero que ela engasgue no próprio sangue, sofra e morra lentamente. Diga-me como fazer isso.

Carlo disse a ele.

— O que está propondo parece só um cortezinho — disse Rowe.

— Você vai conseguir o que quer.

— Onde mais eu poderia cortá-la? — perguntou ele. — Onde mais a faria sofrer mais?

— Não tem como ser pior do que engasgar no próprio sangue — respondeu Gia. — Você não vai só cortá-la, Stephen. Também vai fazer com que se afogue.

— Quanto tempo ela levará para morrer?

— Ela está em muito boa forma, portanto, é difícil dizer. Mas eu diria que ela terá pelo menos cinco minutos de sofrimento intenso.

— Não parece justo — comentou ele. — Depois do que ela fez comigo, deveria morrer mais devagar que isso. Mas entendo. Afinal de contas, o corpo humano é assim mesmo. Não é possível controlar tudo.

— Escute por um momento — disse Gia. — Se o sangue dela espirrar em você, terá que se lavar. O depósito que conseguimos tem um banheiro, caso isso aconteça. Foi por isso que pedi a você que trouxesse uma muda de roupas para amanhã. Você a trouxe?

— Como um bom aluno, sim, trouxe.

— Ótimo — retrucou Gia. — Porque você nunca passará pela segurança nem entrará naquele avião se tiver uma gota sequer de sangue na roupa.

— Olhe só para você, Gia — disse ele. — Preocupada com o meu bem-estar...

Estou mais preocupada com o meu dinheiro, pensou ela.

— Temos que dormir — disse Carlo. — Precisaremos estar bem alertas amanhã.

— E você também, Carlo — disse Rowe. — Porque, se um de vocês estragar tudo amanhã, podem dar adeus àqueles milhões.

CAPÍTULO 11

Quando deixaram Rowe no depósito e mostraram a ele o espaço úmido e fresco, ele imediatamente detestou.

— É *aqui* que vamos matá-la? — perguntara ele.

— Aqui mesmo — respondera Gia. — Há uma cadeira ali para você. Por que não se senta e relaxa? Voltaremos assim que possível.

— Não acredito que vão me deixar aqui.

Gia não respondeu. Ela e Carlo tinham saído do depósito e começado o percurso até a West Forty-Third Street.

Quando chegaram, Gia se inclinou para a frente no banco e olhou para o céu. Estava nublado, havia uma brisa leve e a manhã estava mais fria do que nos dias anteriores, o que deu aos dois uma certa esperança de que menos pessoas estariam indo a pé para o trabalho.

Ainda assim, não havia como saber. Afinal de contas, não estava tão frio assim...

— Estou me sentindo ridículo — disse Carlo ao lado dela.

— Ora, por favor, você está ótimo... especialmente na parte debaixo. Alguém poderia dizer que você é exagerado nesse sentido. E não estou só falando do volume ridículo. Também estou falando de seu traseiro, dos braços, das pernas e do peito. Ela vai gostar de você, Carlo. Você verá. — Gia suspirou. — Mas que mulher não gosta?

— Ainda assim — comentou ele. — Uma roupa de correr tão justa? Por que era necessária?

— É o que os rapazes usam na cidade, você sabe disso. Especialmente em uma academia cara como a que ela gosta de frequentar. É melhor usar o que todo mundo usa.

— Que horas são?

— Pouco mais de oito horas. Temos bastante tempo.

— E se não conseguirmos uma vaga para estacionar?

— Então pararei em fila dupla. Já conversamos sobre isso, Carlo. Não entre em pânico agora.

* * *

Com sorte, eles encontraram uma vaga na esquina da West Forty-Third com a Ninth, exatamente na metade do caminho entre o apartamento de Jones e o Manhattan Plaza Health Club, onde ela se exercitava.

Ao que parecia, os deuses estavam sorrindo para eles.

Mas por quanto tempo? ponderou Gia ao entrar na parte traseira do veículo. Do banco ao seu lado, ela pegou o pano branco fino e o frasco de clorofórmio, mantendo-os no colo. Ela olhou para fora pelos vidros escuros do SUV e viu que, apesar de não haver tantas pessoas na rua como nos dias anteriores, ainda havia uma quantidade suficiente para deixá-la inquieta. — Diga-me de novo como vai fazer — disse ela para Carlo. — Explique tudo para mim.

— De novo?

— De novo.

— Sou novo por aqui — disse ele. — Uma das vantagens do meu apartamento é que tenho seis meses de graça no Plaza Health Club porque a academia do prédio ainda está em construção.

— Continue — disse Gia.

— Quando Jones se aproximar do carro, chegarei por trás dela e perguntarei se pode me dizer onde fica a academia. Como você me fez vestir assim, teoricamente ela desejará me ajudar porque ficará excitada. Mas, que seja. Digamos que ela me ajude. O que preciso fazer é segurá-la do lado de fora do carro até que esteja razoavelmente confiante de que, quando acenar para você, que abrirá a porta de trás, conseguirei empurrá-la para dentro. Você cobrirá a boca dela com o clorofórmio com o mínimo possível de pessoas em volta. Se eu for azarado e alguém me atacar, lidarei com a pessoa. Mas, se várias pessoas pularem sobre mim, farei o possível para jogá-las para trás. Depois, eu me jogarei dentro do carro, trancarei as portas e iremos para o depósito enquanto Jones ainda estiver inconsciente.

— O que você fez ontem foi genial — disse ela.

Ele ergueu a sobrancelha para ela. — O que quer dizer?

— Cobrir as placas com terra. Agora, ninguém saberá dizer qual é a placa. Tudo o que poderão dizer é que estávamos em um Murano preto, que a cidade tem aos montes. Quando estivermos fora de vista, pararemos em

algum lugar para que eu corra para fora e limpe as placas. Depois iremos até Rowe.

— Combinado — disse ele.

— São oito e meia — disse ela. — Está na hora de você se posicionar perto do prédio dela antes que ela saia. Você está bem?

— Em grande parte.

— Parece certo — retrucou ela. — E é bom. Você não está confiante em excesso, o que significa que está alerta. Agora, venha cá — disse ela ao se inclinar na direção dele. — Dê um beijo na sua irmã mais velha. Isso mesmo. Estou do seu lado, Carlo. Estarei observando e torcendo para o melhor. Faça o que puder. Juntos, lidaremos com o que acontecer.

— Eu amo você, Gia.

— Também amo você, garanhão.

Ele sorriu quando ela disse aquilo. — Vamos conseguir, Gia.

— É bom ouvir isso — respondeu ela. — Porque, se não conseguirmos, estamos fodidos.

* * *

Quando Carlo saiu do veículo, Gia se virou e observou-o andar pela calçada até desaparecer. Ao observá-lo ir embora, ela percebeu algumas mulheres virando-se para olhá-lo com desejo ou prazer.

Ela apostava na aparência dele. Apostava que Janice seria seduzida pela aparência dele.

Ela tem que ser, pensou Gia. *Ela é ex*-stripper *e provavelmente ex-prostituta. Não é possível que ela ignore Carlo ou o charme dele...*

Minutos se passaram. Minutos que, para ela, pareceram horas. Cada vez mais nervosa, ela sopesou o frasco de clorofórmio em uma mão, amassou o pano branco na outra e conferiu a hora no relógio. Oito e cinquenta! Depois, olhou para fora novamente e viu o crescente número de pessoas apressadas na calçada.

Puta que pariu, pensou ela. *Há pessoas demais...*

Dez minutos depois, e bem na hora, ela viu Janice Jones à distância andando em sua direção, com o rabo de cavalo loiro balançando atrás dela de uma forma que parecia horrenda para Gia, considerando o que estava prestes

a acontecer com a mulher. Carlo não estava muito longe atrás dela e Gia viu que a expressão dele estava tensa e por um bom motivo: havia pessoas demais em volta deles.

Ele sabia. Ela sabia.

Meu Deus, ajude-nos.

Nervosa, Gia se virou no banco e olhou pelo vidro traseiro enquanto eles se aproximavam. Temendo pelo irmão e pela situação, ela tirou a arma que estava presa na calça às costas. Não era parte do plano, mas, se fosse preciso usá-la, ela usaria.

Gente demais, gente demais, gente demais...

Em uma cidade cheia de heróis.

Ela virou o frasco de clorofórmio nas mãos, ansiosa para abri-lo e usá-lo logo, apesar de saber que não podia.

Ainda não... Ainda não...

Muitos tinham ouvido falar da droga pelos filmes, mas Gia a usara o suficiente no passado para saber que Hollywood exagerava em tudo quando se tratava de ciência. Para que o clorofórmio funcionasse, um pano precisava ser *recém*-embebido antes de ser pressionado contra a boca e o nariz da vítima. Assim, a pessoa respiraria a toxina na concentração mais alta e a inconsciência ocorreria rapidamente. Mas se a toxina estivesse velha, não seria nada efetiva.

Para que aquilo desse certo, para que aquilo realmente mandasse Jones para o limbo, Gia teria que antecipar quando Carlo acenaria para que ela abrisse a porta. E, quando ele acenasse, ela já precisaria estar com o pano ensopado com o líquido.

Não será uma tarefa fácil...

À medida que eles chegavam mais perto, Gia observou a área ao redor. Quando viu um policial jovem andando logo atrás de Carlo, ela abriu a boca em horror e descrença.

— Não — disse ela em voz alta.

Carlo continuou avançando, acompanhando Jones, sem perceber que havia um policial por perto.

Ela sentiu o estômago se contrair.

Uma camada fina de suor se espalhou em sua testa.

Ela não podia, de jeito nenhum, perder Carlo por causa daquilo...

Carlo e Janice estavam a pouco mais de um metro do carro quando ele se aproximou dela. Gia quase conseguiu ler os lábios dele quando disse: —

Desculpe, senhorita.

E Jones parou no momento em que o policial se aproximou.

As pessoas passavam apressadas, ansiosas para chegar no trabalho a tempo.

Carlo abriu um sorriso para Janice e deu de ombros confuso. Gia viu os olhos de Janice percorrerem o corpo do irmão. Ela deu um passo pequeno para longe dele, mas pareceu relaxar quando ele começou a falar. Em seguida, ela inclinou a cabeça para a direita ao sorrir para ele.

Olhe atrás de você! Gia queria gritar para Carlo. *O policial está quase em cima de você! Não faça nada até ele passar!*

Ela viu Jones se virar e apontar para o leste, onde ficava o Manhattan Plaza Health Club. Era claro que ela estava dando a Carlo as direções até a academia. Gia quase a ouviu dizendo "É logo ali" quando o policial passou pelo carro, com a arma pendurada ao lado do corpo.

Quando o irmão dela viu o policial, ele não se abalou. Em vez disso, Carlo olhou para o homem por um longo momento, mantendo o controle... o que a deixou orgulhosa dele. Ele continuou a conversar com Jones, mesmo enquanto ela começava a se afastar, claramente ansiosa para continuar andando e exercitar-se.

Mas Carlo ganhou tempo e deteve-a ao pegar o iPhone preso no lado da calça justa. Ele ligou o telefone disse algo que a fez corar.

Desta vez, ela andou na direção dele com um sorriso nos lábios, obviamente lisonjeada com o que ele dissera.

Você está indo bem, pensou Gia. *Mas ainda há gente demais à sua volta. E ela não ficará aí para sempre... nós dois sabemos disso.*

Enquanto ele digitava algo no telefone, um homem apressado bateu de leve no braço de Carlo. Em uma irritação fingida, Carlo aproveitou a ocasião para olhar em volta e avaliar a multidão na calçada. Ele estava ficando sem tempo para mantê-la lá, os dois sabiam disso. Portanto, Gia abriu o frasco de clorofórmio, derramou uma grande quantidade do líquido no pano e preparou-se para a batalha que viria.

Com o pano na mão esquerda e a arma na outra mão, ela esperou que Carlo lhe avisasse que estava pronto para agir. E, quando Jones estava prestes a ir embora, ele fez uma careta na direção de Gia. Em seguida, piscou para Jones como se desse a entender que era o fim da conversa... e acenou para Gia.

Em um piscar de olhos, Gia abriu a porta com força.

Rapidamente, Carlo pegou uma Janice Jones atônita nos braços e jogou-a dentro do carro com tanta força que ela escorregou sobre o colo de Gia e

bateu com a cabeça na porta do outro lado. Tão depressa quanto pôde, Gia pulou. Ela colocou o pano sobre a boca e o nariz de Janice, mas a mulher era forte. Janice estava em boa forma. E, considerando a forma como se debatia e agarrava-se à vida naquele momento, ficou claro que também era lutadora. Ela deu uma cotovelada nas costelas de Gia, que ouviu pessoas gritando na rua.

— Jogue-me a sua arma — gritou Carlo.

Com Janice debatendo-se contra ela, Gia fez o possível. Mas, ao jogar a arma, ela a ouviu bater no chão... não nas mãos estendidas de Carlo.

— Saia de cima de mim, caralho! — gritou Jones furiosa.

Quando Carlo bateu a porta, ela soube que era o fim... eles venceriam ou perderiam. Para que pudessem dar o fora dali, ela precisava primeiro silenciar Jones e torcer muito para que Carlo conseguisse pegar a arma e entrar no carro antes que algo terrível acontecesse.

Foi quando algo terrível aconteceu.

Ela continuava a cobrir o rosto de Jones com o pano, que começava a respirar os vapores do clorofórmio enquanto se contorcia selvagemente sob Gia, com os braços e as pernas debatendo-se e atingindo seu rosto. Gia apertou com mais força. Naquele momento, ela viu de relance um homem desconhecido correndo na direção de Carlo e jogando-o contra a porta do lado do motorista.

Ela viu a nuca do irmão bater no vidro com um barulho surdo. Em seguida, ouviu o barulho da arma disparando e viu o homem que atacara o irmão cambalear para trás com um buraco de bala na barriga. O que aconteceu a seguir foi um pandemônio, com as pessoas correndo pela rua. E, finalmente, Jones ficou imóvel nos braços de Gia.

Dois outros tiros foram disparados antes que Carlo pulasse para dentro do carro, ligasse-o e acelerasse. Mais tiros foram disparados. Gia olhou para a esquerda e percebeu que o policial que vira antes agora atirava neles. Ela ouviu balas atingindo o SUV enquanto Carlo abaixava a cabeça. Ele quase colidiu com outro carro quando o vidro à sua esquerda explodiu, com cacos de vidro voando para o interior do Murano e cortando o rosto e o pescoço do irmão.

— Carlo! — gritou ela assustada.

Mas Carlo não respondeu. Ele pisou no acelerador e virou o volante de um lado a outro enquanto o policial continuava a atirar neles. O carro acelerou... e eles escaparam.

Pelo menos por enquanto.

— Você está bem? —— perguntou ela quando ele virou à direita na Ninth Avenue.

— Estou sangrando por causa do vidro, mas não fui atingido — disse ele ao remover pedaços de vidro do rosto e do pescoço. — Estamos fodidos, Gia. Somos oficialmente um alvo. Olhe para a porra da minha janela. Não tem como disfarçar isto. E não tem como disfarçar o sangue no meu rosto. Os policiais nos encontrarão em um segundo.

Ele estava certo.

— Ela desmaiou? — perguntou ele.

Ela olhou para Jones, que estava amontoada no banco ao seu lado, com o rabo de cavalo sobre o rosto. — Desmaiou.

— O que quer que eu faça? Diga logo porque não temos muito tempo!

Caralho! pensou ela enquanto a mente disparava.

Nove milhões de pessoas moram nesta cidade. Outros milhões vêm para cá para trabalhar...

Ela considerou aquilo por um segundo e disse: — Continue dirigindo. As chances estão do nosso lado. Mas primeiro escute — disse ela. — Vamos desviar pelas beiradas da cidade, é assim que venceremos. Vá pela Ninth até a Twenty-Ninth Street. De lá, corte para a Eleventh e pegue à esquerda na West Twenty-Fourth Street. O que preciso que faça é continuar em ziguezague pela cidade de forma imprevisível. Consegue fazer isso?

— Nasci aqui, é claro que consigo. — Ele passou a mão no rosto e no pescoço e viu que ela saiu ensanguentada. — Você tem alguma coisa para me ajudar a parar de sangrar?

— Tenho outro pano. — Ela estendeu a mão para o assoalho do veículo, encontrou o pano e entregou-o a ele. Enquanto Carlo se limpava e aplicava pressão nas feridas do pescoço e do rosto, ela se inclinou para a frente.

— Pegue as ruas que sabemos que são menos usadas, especialmente pela polícia. Sei que estamos longe do depósito, mas, se ficarmos nas ruas e avenidas mais afastadas, talvez consigamos chegar lá, Carlo. Se Deus quiser.

Quarenta minutos depois, Deus respondeu.

Quando chegaram ao depósito, Gia imediatamente pegou o controle remoto, apertou um botão e abriu a porta. Ao entrarem com o carro, estava tão escuro que as luzes do SUV acenderam... e revelaram Stephen Rowe esperando ansiosamente no lado de dentro.

O rosto dele estava tenso. Por algum motivo, os olhos dele pareciam

selvagens, inquietos. Com um floreio, ele balançou a faca ao lado do corpo e liberou a lâmina no momento em que a porta da garagem fechou atrás deles. Uma das lâmpadas iridescentes acima de Rowe acendeu e lançou sobre ele uma luz azul surreal.

Na frente dele, estava a cadeira de metal que Gia encontrara alguns dias antes.

— Coloque a vadia aqui — disse ele. — Ela vai morrer agora.

# # #

Acabe com Eles, Livro 3 agora está disponível para venda na Amazon!

LIVROS DE CHRISTINA ROSS

CHANCE

ACABE COMIGO, LIVRO 1
ACABE COMIGO, LIVRO 2
ACABE COMIGO, LIVRO 3
ACABE COMIGO, LIVRO 4
ACABE COMIGO, LIVRO 5

LIBERTE-ME, LIVRO 1
LIBERTE-ME, LIVRO 2
LIBERTE-ME, LIVRO 3

ACABE COMIGO, LIVRO 6
ACABE COMIGO, LIVRO 7
ACABE COMIGO, LIVRO 8

INCENDEIE-ME

ENCENAÇÃO

ACABE COM ELES, LIVRO 1
ACABE COM ELES, LIVRO 2
ACABE COM ELES, LIVRO 3
ACABE COM ELES, Edição de Natal

Mal pode esperar pelo meu próximo livro ardente? Há mais deles a caminho e é fácil descobrir quando! Basta me encontrar no Facebook aqui e, especialmente, participar da minha lista de e-mail aqui. Assim, você nunca perderá outro livro nem a oportunidade de receber um convite para revisão antes que o livro seja publicado.

Adoro quando meus fãs entram em contato comigo! Quer mais de Brock e Madison? Escreva para mailto:christinarossauthor@gmail.com. Espero ter notícias suas em breve!

Se quiser deixar uma avaliação deste ou de qualquer outro dos meus livros, eu agradeço. Avaliações são essenciais para todos os escritores. Nem que seja uma avaliação breve. Obrigada!

Com amor,
Christina